

UNIVERSIDADE DOUTOR LEÃO SAMPAIO (UNILEÃO)  
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

Denílson Misael da Silva

**A TRANSEXUALIDADE EM PAUTA:** o confronto dos teórico-conceituais científicistas frente a  
visão sociopolítica integradora da diversidade, da identidade e do lugar social.

Juazeiro do Norte-CE

2020

Denílson Misael da Silva

**A TRANSEXUALIDADE EM PAUTA:** o confronto dos teórico-conceituais cientificistas frente a visão sociopolítica integradora da diversidade, da identidade e do lugar social.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), como requisito parcial para a obtenção do título em Bacharelado sob a orientação do Prof. Esp. Aldair Péricles Bezerra Monteiro.

Juazeiro do Norte-CE

2020

**A TRANSEXUALIDADE EM PAUTA:** o confronto dos teórico-conceituais científicistas frente a visão sociopolítica integradora da diversidade, da identidade e do lugar social.

Denílson Misael da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Doutor Leão Sampaio (UNILEÃO), como requisito parcial para a obtenção do título em Bacharelado sob a orientação do Prof. Esp. Aldair Péricles Bezerra Monteiro.

DATA DE APRESENTAÇÃO: 08 / 07 /2020

Banca examinadora:

---

Prof. Esp. Aldair Péricles Bezerra Monteiro  
Orientador (UNILEAO)

---

Prof. Esp. Pedro Adjedan David de Sousa  
Examinador 01

---

Prof.(a) Maria Clara de Oliveira Figueiredo  
Examinador 02

Juazeiro do Norte-CE

2020

Aos meus pais, em atenção especial a minha mãe, Ana, que nunca permitira o meu esmorecimento no meio do percurso deste curso e aos amigos que estiveram comigo nos dias bons e ruins. Ademais, aos professores e a coordenadora, Cecília e Márcia, por quem tenho imenso carinho e respeito.

Perdi-me do nome  
Hoje podes chamar-me de tua  
Dancei em palácios  
Hoje danço na rua.  
Vesti-me de sonhos  
Hoje visto as bermas da estrada  
De que serve voltar  
Quando se volta p'ró nada.  
Eu não sei se um Anjo me chama  
Eu não sei dos mil homens na cama  
E o céu não pode esperar.  
Eu não sei se a noite me leva  
Eu não ouço o meu grito na treva  
E o fim vem-me buscar...

*Pedro Abrunhosa*

Sonhei sonhos alheios,  
E alheio sonhos produzi,  
Quem dera sonhar os meus,  
[Sonhos] Quem dera existir!

Curta Vida, *Denilson Misael*

## RESUMO

A transexualidade na ótica da historicidade humana não é recente, nem tão pouco ocupa o mesmo locos da marginalidade e exclusão social a que hoje se encontra, requerendo a necessidade de uma compreensão mais detalhada, de cunho ontológico do conjunto biopsicossocial/histórico para haver uma possibilidade de interpretação a luz do saber científico. Para tal, fora realizado por meio da pesquisa bibliográfica e exploratória, alicerçada pelo método qualitativo, um estudo que possibilitara remontar os principais períodos e teorias que conduzira as(os) transexuais a psicologização e psicopatologização do segmento, e neste ínterim, a análise das políticas públicas e os discursos de poder na sociedade capitalista, tendo por conclusão a necessidade de uma mudança social urgente, visualizada por meio da categoria discurso, da efetividade das políticas públicas estatais e ação da sociedade civil organizada.

**Palavras-chaves:** Transexuais. Psicopatologização. Capitalismo. Categoria discurso. Políticas Públicas. Dispositivos e mecanismo de poder.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 05 |
| <b>I – A TRANSEXUALIDADE NA HISTÓRIA HUMANA: DA ACEITABILIDADE A DISCRIMINAÇÃO</b> .....   | 08 |
| 1.1 Da sociabilidade cultural na Idade Antiga e seus impactos na vivência ‘homo-transsexual’ .....   | 15 |
| 1.2 Dos conceitos clássicos do século XVII aos modernos do século XX na fomentação do lugar social de marginalidade: as ciências médicas, sexologia e psi.....                                 | 15 |
| <b>II – A DESCONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS E A POSSIBILIDADE DE DESPATOLOGIZAÇÃO DA TRANSEXUALIDADE</b> .....   | 25 |
| 2.1 Dos conceitos, relações humanas e confronto ao cientificismo – Terceiro sexo ou necessidade da desconstrução de gênero? .....  | 25 |
| 2.2 A transexualidade nas relações sociais e de poder na contemporaneidade: identidades sociais alienadas e fins lucrativos .....  | 33 |
| <b>III – O SERVIÇO SOCIAL EM DEFESA DA POPULAÇÃO TRANS: LAÇOS COM A TEORIA MATERIALISTA DIALÉTICA E OUTRAS CONCEPÇÕES HUMANISTAS</b> .....   | 39 |
| 3.1 Dos métodos de pesquisa científica e das fontes de conhecimento rumo a apreensão da transexualidade na ótica social: uma análise estrutural da inserção dos transexuais na sociedade ..... | 39 |
| 3.1.1 Metodologia científica e transexualidade: das teorias, intencionalidades, níveis, meios e técnicas de pesquisa social.....   | 39 |
| 3.1.2 Análise estrutural da inserção dos transexuais na sociedade.....   | 43 |
| 3.2 Das religiões, da Democracia e das Políticas públicas: uma análise da possibilidade fragilizada de inserção da população Trans na sociedade Brasileira .....                               | 48 |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....   | 58 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....  | 62 |
| <b>ANEXOS</b> .....  | 66 |

## INTRODUÇÃO

A população Trans é sem dúvida, ao lado das Travestis, dentro do universo LGBT, a população que mais sofre preconceito, discriminação e agressões. Dentro desta perspectiva de lgbtfobia e transfobia, endógenos e exógenos à população LGBT, um dos agravantes principais da discriminação gira em torno da discussão da psicopatologia, sendo uma expressão da questão social e de saúde coletiva, carecendo de atenção, agravados de um contexto histórico de preconceito e discriminação, de um caráter cientificista não humanizado e que engendraram na sociedade, em meados do século XVIII e XIX, saberes errôneos e estes, conseguintes, perpassam a história até a hodiernidade, trazendo esta herança discrepante e desumana, alienadora da identidade e lugar social impostos sobre a categoria supramencionada.

Historicamente, o nascimento da transexualidade remonta o nascer das relações humanas, nos primeiros passos no bojo da civilização, quando surgem as primeiras polis, contadas pelos filósofos e religiosos, tecendo mitologias e lendas de deuses olímpianos, deuses e faraós sublimes. Com o avançar da história humana, as relações vão-se transformando, se moldando e/ou adequando-se, e com a transexualidade não ocorre de forma distinta, esta passa por diferentes momentos, desde a consciência primária do senso comum a pauta dos estudos dos teóricos, de aceito circunstancialmente à marginalização.

Esta monografia vem no intuito de demonstrar a sociedade civil e política a necessidade de compreensão da realidade dos(as) transexuais, tocando também a travestilidade, na perspectiva de gerar uma consciência apurada e promover igualdade social, é papel dos estudiosos das ciências humanas, mas não somente destes, mais de todos que tem compromisso com os direitos humanos e sociais. Não é demanda da contemporaneidade, essa necessidade de geração de vínculos entre saberes para se conhecer a globalidade de determinado objeto de estudo analisado, mas é somente na atualidade que se investe tanto na intersetorialidade, grupos multiprofissionais mais alinhados em um mesmo objetivo, visando a emancipação humana. Todavia, ao mesmo passo desta evolução, o capitalismo gera novas formas de barrar ou estagnar o desenvolvimento humano, seja qual for o âmbito, desde que não o impeça de acumular e/ou expropriar o próprio homem.

Desta forma, traz aqui a discríção literal da questão norteadora: *Com base no estudo da conjuntura histórica e atual, e tendo como referência a população Trans e seus desafios cotidianos, como analisar este quadro de psicopatologização e como lidar com os rebatimentos sociopolíticos na realidade dos transexuais?* Sendo de análise central os pilares da identidade social e lugar social dos Transexuais. Assim, a monografia segue o objetivo geral de: *Vislumbrar o quadro da transexualidade em uma ótica de confronto de conceitos, cientificista e social*, fragmentado em três

objetivos específicos, sendo: Compreender a transexualidade nas visões científicas e senso comum, em sua trajetória histórica; Defrontar a visão sociopolítica da transexualidade na contemporaneidade e o cientificismo patologizante; e Destacar a visão do Serviço Social frente a marginalização da população Trans, lincado a políticas públicas e relações de poder.

Gilberto Freire(1983), em seus estudos sobre a carência do saber nos homens, promove em seu livro uma das maiores receitas de todos os tempos, quando em suma ele afirma que é no conhecimento que ocorre a possibilidade de transformação social. Dentro desta apreensão, Karl Marx(2002), constata em vida a nos seus livros, a realidade dinâmica dos constantes movimentos e mudanças, colaborando com Mirian Veras Baptista(2000), na intencionalidade, ou seja, o conhecimento, em linhas gerais, é o único capaz de capacitar o homem a gerar um nível de mudança desejada na realidade em que está envolto. Dentro deste contexto de análise é justificável o investimento em pesquisas sociais e acadêmicas, as quais podem e possibilitam esta possível mudança. Ademais, o Serviço Social é um curso comprometido com a implantação de uma nova ordem societária, e esta temática passa a ter em seu seio um grande valor acadêmico, tendo em vista a informação como veículo de ligação da trabalhadora, unificando as minorias pelo conhecimento, descaracterizando o preconceito.

A transexualidade em seu quadro geral é um assunto novo aos olhos de muitos estudiosos sociais, apesar de não ser um tema hodierno, causando em um primeiro momento uma certa dificuldade de apreensão, devido seu caráter essencialmente psicossocial e histórico. Isto posto, cabe inicialmente aquele que deseja tecer análise sobre a temática, uma pesquisa bibliográfica inicial, para poder obter informações tidas como bases para não gerar em seu produto final um conhecimento errôneo e deturpado da realidade transgênero. Destarte, como base primária para o artigo em questão, fora sucedido uma sequência de estudos teóricos e análise documental, sabendo-se que segundo A. C. Gil(2008), a pesquisa bibliográfica segue uma vertente muito específica. Assim, segundo a mesma a compreensão deste tipo de pesquisa deve ser entendido como suporte principal para pesquisas que não são muito debatidas e conhecidas, reforçando o cunho metodológico de carácter exploratório e descritivo, alinhando o método qualitativo, operacionalizando o alcance dos objetivos e abrangendo a visão das hipóteses iniciais.

Sumariamente, o capítulo um traz a vivência homo-transexual, vivenciada nas civilizações mais antigas, Itália Grécia, a saber, experienciados pela paiderastia grega, sistema educacional, explicando formas de convivência e funcionalidades organizativas e políticas, partindo para a discriminação com a ascensão do cristianismo e da família heteronormativas nos séculos seguintes e não tão distantes da conjuntura caracterizadora hodierna, se saber cristianizado e ciências patologizadoras. Consequente, no capítulo dois, compreende-se a forma mecanicista que se é tratado

o ser humano e a ótica de patologização das sexualidades encaradas como desviantes pela ciência e religião, partindo do século XVII a desaguar na moderna civilidade.

Como veio central do capítulo dois, explica de forma sucinta, devido a área analisada ser de cunho biológico e psicológico e não social, a definição patológica da transexualidade, locando-a, junto a moral da época no exílio social. Por fim, o capítulo três traz a necessidade das ciências sociais em despatologizar e desestigmatizar esta população, por meio da categoria discurso que se gere na interface do dinamismo e dialética da conjuntura e pelas políticas públicas, e neste introito a discussão segue pelo viés de crítica a ideologia capitalística do neoliberalismo e da utópica democracia brasileira, descaracterizando a cidadania farsesca que se vive os brasileiros e delegando a sociedade civil, bem como ao corpo governamental a evolução social a que se está destinado a suceder.

Assim, apreender a demanda da transexualidade dentro das ciências e saberes humanos, lincando com o curso de Serviço Social, torna-se uma questão de extrema importância, não descaracterizando o grau de relevância das demais demandas, mas colocando-a em um quadro de horizontalidade, a qual precisa de apreensão e elaboração de políticas públicas, que possam resvalar em intervenções práticas qualitativas. Lidar com as ações e práticas de transformações sociais no decorrer da evolução humana, ou mesmo, involução civilizatória e social, é uma técnica primoroso de investigação ontológica, que permite ao homem genérico a capacitação para lhes dar com as demandas atuais. Para tal, a transexualidade, dentro deste quadro de gênero, e envolto pela questão social, deve ser analisada em sua totalidade, e não somente em sua superficialidade, adulterando o que de fato deve ser compreendido.

## CAPÍTULO I – A TRANSEXUALIDADE NA HISTÓRIA HUMANA: DE ACEITABILIDADE A DISCRIMINAÇÃO.

### 1.1 Da sociabilidade cultural na Idade Antiga e seus impactos na vivência ‘*homo-transsexual*’.

Não se tem um percurso cronológico bem definido para análise ontológica dos(as) transexuais na história da humanidade pelo viés das ciências sociais e humanas, em estudos aplicados e organizados, o que se sabe, é que são tão antigos(as) quanto qualquer outra identidade de gênero, dentro deste quadro das relações sociais. Este fato não se consubstancia pela hodiernidade desta população, porém, se dá pela ausência de interesses científicos pela investigação social e humana destes. Todavia, não impossibilitando a investigação ontológica, a transexualidade pode ser visualizada por um olhar mais sensível, comprovando a sua existência e permanência nas relações humanas ao longo dos anos, pelo olhar da arte e pela proximidade das categorias não-heteronormativas no desenvolvimento humano que tivera maior visibilidade, a saber, os homossexuais.

Em primeira instância, a arte como produto de criação humana, ação antrópica, valida-se enquanto forma de registrar e apresentar traços característicos de uma determinada população, detentora de uma identidade cultural. Por meio de um conjunto inimaginável de formas de produzir e gerir a arte, algumas destacam-se e apresentam o passado daqueles que a fizeram ou o que desejavam representar. A transexualidade pelo olhar da arte não é superficial, nem ao menos rasa, são vários os mitos, pinturas, canções, que os representavam, independente de sua profundidade, trazendo a tona uma categoria invisibilizada, como suscita Berbara e Fonseca(2012).

Os greco-romanos contribuem com variadas formas artísticas, portanto culturais, na compreensão histórica e ontológica da transexualidade que poderiam de forma sensibilizada remontar partes desta sociabilidade, todavia, a um específico trato cultural que representa vorazmente esta tangente na civilização greco-romana, a mitologia. Os mitos olímpicos da existência mitológica de deuses e subdeuses, por exemplo: na história de *Caenis/Caeneus*<sup>1</sup>, na sua transmutação radical de um sexo para outro representa uma transgenitalização concebida pelo divino; enquanto na história de *Hermafrodito e Salmacis*<sup>2</sup>, a suma traz o conceito de androginia; os

---

<sup>1</sup> A história de Caenis é uma das muitas histórias de transgêneros presentes nas mitologias gregas. Caenis era uma jovem humana, uma bela donzela de beleza inigualável, e por ser tão bonita despertou o interesse sexual de Poseidon, que sem limites humanos, a estuprou violentamente. Movida por um sentimento total de negação de si mesma e de desespero, a jovem comoveu o coração do deus que a conferiu a realização de qualquer desejo, esta por sua vez, desejou veementemente ser um homem, forte e valente, para nunca mais ser violentada por qualquer outro ser do sexo masculino. Assim, nasce Caeneus, um valente guerreiro.

<sup>2</sup> Hermafrodito era um belo jovem, na mitologia grega, fruto de um adultério, entre Afrodite e Hermes, criado por ninfas. Em um momento muito específico de sua vida, posterior a rejeitar Salmacis, criatura aquática semelhante uma sereia, ele mergulhou despido n'água para aliviar-se do estresse, mas neste momento Salmacis surgiu e envolveu em seu corpo, violando-o, e sendo novamente rejeitado, ela rogou aos deuses jamais deixá-los separar-se e, neste momento, seus

filósofos trazem ideias e pensamentos acerca da transexualidade na humanidade, como descreve Dimas Tadeu(2009), em uma das suas publicações jornalísticas, acerca de um dos simpósios de Platão, na qual ele apresentava o mito das *Almas gêmeas*, alusão direta a transgêneros. Em síntese, Platão nos traz a existência de três gêneros, o feminino, o masculino e o andrógino, este terceiro gênero era caracterizado por um povo cujo corpo trazia a dualidade dos primeiros, ou seja, segundo Tadeu, dois seres biologicamente diferentes fundidos em um único corpo. Assim, a transexualidade, vista enquanto androginia, na perspectiva de *ambivalência sexual* e historicamente, é remontada extremamente antiga, artisticamente, segundo Almeida e Murta (2013).

Assim, a ambivalência sexual pela androginia, na história humana, assimilada a transexualidade, aqui é analisada pela congruidade de indivíduos que não podiam ser encaixados no binarismo tradicional, do homem e da mulher, ou seja, era o indivíduo que possuía em sua psique uma identidade de gênero que lhe era distinta do sexo biológico<sup>3</sup>. Tais, mitos, narrativas e histórias como estas remontam um passado para os transexuais, levando em consideração que cada mito ou lenda possui em si uma essência verídica para embasamento, uma vez que procuram explicar a realidade sócio-histórica em que estava inserido. Outrossim, há na história das representações de deuses à dualidade de gênero, como apresentação de uma completude de perfeição.

Não obstante desta realidade de criações épicas e compêndios escritos, as esculturas e pinturas resgatam da antiguidade, registros verossímeis da existência e permanência dos trans nas civilizações primárias. Berbara e Fonseca (2012), em um rápido recorte de obras artísticas, acerca da transexualidade pelo olhar das artes visuais, apresentam e discutem famosas obras que trazem em si características, andróginas, transgêneros e hermafroditismo na evolução da sociedade humana.

[...] em outras representações greco-romanas o hermafrodita é invariavelmente representado como um personagem fundamentalmente feminino – busto, cabelos longos, curvas – com pênis. O assim chamado Hermafrodita Chablais, atualmente conservado nos Museus Capitolinos (Roma), leva uma criança em seus braços, como que reforçando a própria fertilidade e feminilidade. [...] Sobretudo no período helenístico, e, posteriormente, no período imperial romano, deuses são representados de forma crescentemente afeminada. (BERBARA, FONSECA, 2012, p.03)

Os autores trazem para além da categoria hermafroditas, entendidos pela androginia, outros conceitos de transgêneros, que relacionam e explicam uma dada realidade conjuntural. Tais representações expressam ademais de uma estética vigente do determinado período de criação

---

corpos fundiram-se.

<sup>3</sup> Em análise, a discussão de uma visão solidificada que é o sexo biológico que define a identidade de gênero e não o contrário, trazendo a tona um conjunto de valores e regras a ser seguido por cada um, homem e mulher, logo, cada um é colocado em um universo limitado e impossibilitando a liberdade individual.

destas obras, como também trazem a pauta a discussão sobre o poder. A dualidade de gênero, postas em um único corpo, apresentada pelos personagens/representações artísticas trazem a visão helenística de amplitude ou completude da perfeição, sendo um alto nível de soberania e poder.

Um grande representante desta visão é o imperador Amenófis IV, faraó egípcio da 18ª Dinastia, posteriormente conhecido por Akhenaton. Sua ambivalência sexual representada em suas esculturas são traços que despertam ainda na atualidade a curiosidade de egiptólogos e historiadores. Todavia, sem muitos segredos, as suas características físicas, mesmo sendo encaradas por muitos estudiosos enquanto uma enfermidade, representava, para outros a clara expressão de similitude com o deus Aton, símbolo de poder e devoção do imperador, lhes impelindo o desejo de ser representado também como uma figura absoluta, ou seja, a completude divina/perfeição.

Consequente, um fator a ser levado em consideração, tangente a transexualidade quanto ao seu percurso histórico, é a inexistência, por um longo período de tempo, de sua caracterização conceitual. Não há como discutir um termo, quando ele ainda não está posto na sociedade, e este fator condiciona a transexualidade a outros patamares de análises, a *homo-transexualidade*<sup>4</sup>, ou seja, trabalhar o percurso histórico da transexualidade, assim como outras orientações sexuais – transexualidade é uma identidade de gênero – a partir do trajeto homossexual. A questão agrava-se ainda mais, quando que por ausência de conceitos, mesmo que do senso comum, determinados objetos, mesmo sendo reais, deixam a sua existência histórica a desejar. O essencialismo, de Kierkegaard e de Gabriel Marcel, descreve que a existência vem antes da essência, *mas como pensar uma essência, sem ao menos a população referida ter ideia do que eram?*

Outro ponto analisável, pela perspectiva da análise homo-transexual, é a compreensão dos próprios preconceitos que foram se formando e transformando ao longo do tempo. Pensar essas categorias distintas, representantes da comunidade LGBT, como sendo única, é pensar como ambos são vítimas de uma discriminação histórica que os acometeram quase que ao mesmo passo. Noutras palavras, a categoria homossexual, em especificidade os homens, foram e, ainda é, a categoria dentro da comunidade LGBT, mais visível, ou seja, analisar a história desta população, por meio da trajetória do homossexual masculino, não é discriminar os demais indivíduos, mas sim compreender que foram categorias não visibilizadas, e alguns ainda não são tão bem visíveis, na história tanto quanto estes.

Outrossim, é importante elucidar que o termo homossexual também é tido como recente, ao analisar sua temporalidade, criado em 1848, pelo então jornalista e escritor austro-húngaro, Karl-Maria Kertbeny (Károly Mária Kertbeny). Com tudo, independente de sua caracterização nominal e

---

<sup>4</sup>Termo alternativo para designar a necessidade de vinculação dos transexuais à história da homossexualidade para haver assim a sua própria análise histórica.

conceitual, a homossexualidade é trabalhada desde tempos remotos, no percurso da luta de poder, de submissão do gênero e da propriedade privada, pela existência concreta de suas ações específicas.

A natureza homo-transexual remonta em sua temporalidade as antigas civilizações humanas, tendo seus primeiros registros em rituais melanésios, bem como a Nova Guiné, Fiji e Salomão, a qual era preconizado a transmissão de saberes por meio da relação sexual de pessoas do mesmo sexo, isto aproximadamente 8.000 a. C., há mais de 10.000 anos. Homens em rituais de transmissão de saberes eram caracterizados no feminino, apresentando trejeitos e relacionavam com outros homens, afim do bem maior, a sobrevivência da comunidade. (RODRIGUES e LIMA, 2019)

Não muito distinto desta modalidade, na Grécia e na Roma Antiga, a *paiderastia* era legalizada socialmente, a saber, a relação de um homem mais velho (erastes) com um rapaz mais novo (eromenos), de idade superior a doze e inferior a dezoito anos. Segundo Corino (2006), em seus estudos acerca da homossexualidade e homoerotismo na Grécia e na Roma da idade antiga:

A relação homossexual básica e aceita pela sociedade ateniense se dava no relacionamento amoroso de um homem mais velho, o erastes (amante), por um jovem a quem chamavam eromenos (amado)[...] Esse relacionamento era chamado paiderastia (amor a meninos), ou, como pode ser melhor compreendido, homoerotismo, e tinha como finalidade a transmissão de conhecimento do erastes ao eromenos. [...] para os gregos era o paradigma da educação masculina, a paidéia<sup>5</sup> (educação) que somente se realizava pela paiderastia. (CORINO, 2006, p.22)

A princípio, o jovem era criado pela família e educado pelo Estado, até seus doze anos, e a partir desta faixa etária os cuidadores poderia aderir ao sistema educacional ou não de encaminhar seu filho a casa de um estudioso, político ou filósofo, mais velho, para que por meio de uma relação amorosa e sexual, partilha-se seus conhecimentos com o jovem. Corino (2006) afirma que esta relação era muito mais pedagógica que sexual, desmontando o ideário de libertinagem que pregam a respeito das relações de paiderastia. Analisar a homossexualidade e o homoerotismo neste quadro, é para além de montar um cenário de submissão de gênero, colocando a mulher apenas como reprodutora; de propriedade privada, impedindo que as fortunas das famílias se esvaíssem por meio de famílias nucleares; desenha-se aqui também a luta de poder.

A concepção inicial de a mulher não ser o indivíduo potencial para dar e receber prazer ao homem, é um fator machista e de violência de gênero – eram vistas emocionalmente, fisicamente e intelectualmente como inferiores aos homens, portanto incapazes e indevidas para a satisfação dos mesmos – que atrelado a base econômica da propriedade privado, tendo como um dos pilares a

---

<sup>5</sup>Denominação do sistema educacional da Grécia Antiga voltado aos homens, o qual incluíam inúmeras disciplinas, visando a formação ética do cidadão para que este pudesse atuar na sociedade política, liderando ou sendo liderado da forma mais positiva possível.

família nuclear, é a expressão conceitual da conjuntura que se monta na antiguidade, em determinadas culturas.

Independente da forma como o prazer sexual era procurado ou tão somente a cópula humana, a homossexualidade era encarada não com um olhar moralista, como se tem a partir doutras idades humanas, todavia, como forma de transmissão de conhecimento, iniciação do jovem a vida política e administrativa, rezando aqui o campo de poder que o homem ativo e reflexivo busca, a saber, outra forma de manutenção da própria propriedade privada e como Sir Kenneth Devor aponta, uma forma de satisfação física e emocional que não era encontrado na relação heteroafetiva devido os inúmeros gessos que eram postos sobre o matrimônio.

Concomitante, o ideário de amor prescrito na atualidade difere basilar doutras formas de amor vivenciado ao longo dos anos. Plutarco (2009)<sup>6</sup>, acerca de suas concepções de amor na Grécia Antiga, traz a reflexão de que o sentimento de pertença não reflete o amor, a saber, Corino (2006) o referencia nos seus estudos:

o verdadeiro amor não tem lugar no Gineceu<sup>7</sup>; e eu afirmo que não é amor o que vocês sentem pelas mulheres ou pelas moças. Seria tão absurdo como chamar de amor o que as moscas sentem pelo leite, as abelhas pelo mel e os cozinheiros pelas carnes e iguarias que preparam. (PLUTARCO, 2009, p.50)

Tão logo, o que se imaginava de amor pelo sexo oposto apresentado pelos mitos e lendas, não era uma concretude cotidiana, e, ademais, as mulheres eram tidas de forma objetificada, tão logo pertencentes e não companheiras de seus maridos, forçadas pelas normas da época a serem as mães, donas do lar, reprodutoras e cuidadoras domésticas dos seus donos.

Primariamente, essa espécie de relacionamento não conseguiu suprir os desejos e anseios dos homens, que em suas expansões intelectuais se apraziam doutros fisicamente, com intelectos próximos, como espécie de amor sábio, somatizando ao contexto uma busca de poder também através do conhecimento. Plutarco (2009), ainda sobre o amor, afirma que “com efeito, o Amor é o que vos liga a almas jovens e bem-nascidas que através da amizade vos conduz a virtude...”, deixando claro seu posicionamento a favor da moral vigente e homoerotismo vivenciado.

A homossexualidade também fora utilizada como forma de manutenção das tropas atenienses e espartanas, na proteção dos impérios. Visando a coesão endógena da tropa, os espartanos incentivavam o amor entre iguais, fortalecendo o vínculo entre eles e por conseguinte, aumentando o poderio dos mesmos; assim como em Atenas, segundo Corino (2006), algumas tropas, a exemplo o Grupo de elite *Pelotão Sagrado de Tebas*, era composto unicamente de casais

<sup>6</sup> Retirado de Plutarcos e os fundamentos da identidade Europeia, do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1º de 2009, da Faculdade de Coimbra.

<sup>7</sup> Local onde ficavam as mulheres nas habitações gregas.

homoafetivos, pois, desta forma eles eram conduzidos pelo gatilho emocional para protegerem a si mesmos e a seus companheiros, fortalecendo o poder de ataque e de defesa destes.

Foucault (1995) em seus pensamentos acerca das relações de poder exercidas dentro das relações sociais explica como os sentimentos podem ser utilizados como um dispositivo de administração, no entanto, neste mecanismo de defesa, o próprio Estado utiliza desta ferramenta, o amor entre os guerreiros, para fortalecer e proteger a si mesmo.

Até então, a homo-transexualidade goza de pontuais bens e serviços, devido sua prestabilidade a comunidade, gregos, romanos e outros, sendo reconhecidos socialmente, recebendo benesses em forma de leis, como no Código de Hammurabi e nas leis Hititas – é importante destacar que esta reconheceu as próprias relações homoafetivas, isto num período antigo, de aproximadamente 3.000 anos atrás. Ademais, compreender esta forma de relacionamento humano, dentro dos parâmetros civilizatórios analisados é uma investigação transdisciplinar de caráter ontológico que propicia bases para o entendimento posterior da marginalização deste mesmo grupo. Com base no recorte textual de Rodrigues e Lima (2019) acerca da sociabilidade homossexual na antiguidade:

Boa parte do modo como os povos da Antiguidade encaravam o amor entre pessoas do mesmo sexo pode ser explicada ou, ao menos, entendida se levarmos em conta suas crenças. Na mitologia grega, romana ou entre os deuses hindus e babilônios, por exemplo, a homossexualidade existia. Muitos deuses antigos não têm sexo definido. Alguns, como o popularíssimo hindu Ganesh, da fortuna, teriam até mesmo nascido de uma relação entre duas divindades femininas. (RODRIGUES, LIMA, 2019, p,1)

O caráter de filosofia apesar de já está em voga e ser reconhecido socialmente, não dispunha de bases teóricas satisfatórias para conduzir a população a evadir de seu empirismo tradicional à racionalidade – é válido destacar que independente da forma como a população fora manipulada/guiada, a homossexualidade não deve ser encarada como antinatural e incoerente. Assim, a internalização dos conceitos, mitos, lendas e histórias milenares das civilizações os guiavam como únicas verdades, construindo e reconstruindo as formas de socialização humana, caracterizando o cotidiano como produto socialmente construído. Conseqüentemente, a homo-transexualidade, de forma irrefutável, fora um componente participativo, portanto ativo, reflexivo, social e histórico, da sociabilidade humana.

Trabalhar a aceitabilidade já era crucial, devido as normas que regulamentavam a paiderastia, em casos de inversão de posição sexual do jovem para com seu mestre<sup>8</sup> ou de homens da mesma idade, todavia, é inevitável o destaque que se faz ao trajeto homossexual.

---

<sup>8</sup>O mestre jamais poderia assumir a posição de passivo, e o jovem seria passivo até os dezoito anos, sendo somente a partir de seus vinte e cinco anos que ele deveria assumir o papel de mestre e ser ativo dentro do processo de paiderastia.

Em casos de homens da mesma idade assumirem em público a homoafetividade, o que não era comum devido a tradição matrimonial heteronormativa, apesar de não haver castigos físicos, estes eram afastados dos cargos públicos e tratados de forma marginalizada, devido a ação de um dos dois de ocupar a posição de passivo, encarado no período, quando fora da pederastia (paiderastia), como antinatural, assim descrita por Corino (2006) em seu estudo acerca da organização de poder na Grécia antiga, sobre a homo/bissexualidade. Com tudo, a prática era comum e exigia dos praticantes discrição e locais adequados.

Outrossim, o fator família real e demais políticos, entes orgânicos que exerciam o poder, eram os que mais utilizavam do gozo da relação homossexual, uma vez que dispunham de autonomia, hegemonia e soberania, enquadrando-se nos parâmetros da discrição e do anonimato. Rodrigues e Lima (2019) enumeram uma pequena lista de soberanos da idade antiga que faziam uso desta prática como forma de produção de prazer e, indissociavelmente, caracterizavam, com base em Foucault(1995), a sutileza do poder na relação social para com os prostitutas e pessoas a volta.

Singularmente, a forma como a comunidade homossexual é tratada nestes recortes históricos e análises, não representam uma globalidade, sendo inclusive um contraponto, as religiões monoteístas, que passaram a surgir neste entremeio período. Assim, um ponto importante para elucidação é a forma como as culturas trabalhavam seus indivíduos e em como eram extremamente cuidadosos em suas tradições e saberes, procurando expandi-los e não fazer adesões.

O judaísmo, tida como a primeira maior religião monoteísta do mundo, quanto ao seu surgimento, surgira no século XVIII a.C.<sup>9</sup>, no Oriente Médio, conseguinte fora a criação e consolidação do Cristianismo, pelo legado de Constantino (288-337), imperador do maior território do mundo em seu tempo, a partir de 306 d. C., e posterior, no século IV d. C, o Islamismo. Nascidas e consolidadas, essas religiões representaram um impasse na construção social dos não-heteronormativos e diferentes do padrão apresentado por elas. A saber, o cristianismo, em seu momento de auge no império romano, com/após o imperador Constantino, fora uma das responsáveis pela desconstrução organizativa da sociedade Romana. Um dado qualitativo primordial nesta análise, a saber demográfico, é indispensável na discussão, no seu auge de império, Roma possuía aproximadamente 55, 6 milhões de habitantes, e a religião Cristã, por Constantino, fora obrigatória.

Em seus vários princípios comuns, essas religiões monoteístas depravam o prazer sexual, solidifica ainda mais a família nuclear, protegendo a propriedade privada, e demonizando as demais sociabilidades não-heteronormativas. Neste ponto, é chave elucidar como a sociedade é sobrepujada pelas ideologias, segundo Marx(2002) e Bourdieu(1979), e como os aparelhos de poder, a religião,

---

<sup>9</sup>Remonta o período em que Deus ordenara a Abraão procurar a terra prometida.

é um instrumento de coerção e manipulação a fins de hegemonia. Gramsci afirma em seus estudos que a ideologia é criada por um grupo específico e é difundida para os demais na sociedade a fim de legalizá-la socialmente, é o que fora costurado neste período histórico, de longa transição de desconstrução e reconstrução da sociabilidade de um povo, sendo necessários até mesmo instrumentos de coerção, como fora as práticas punitivas do imperador Teodósio (347-395).

A demonização por meio destas ideologias judaico-cristãs foram tão devastadoras no ideário populacional de forma globalizada que até hoje muitos cidadãos compreendem a Grécia e a Roma da antiguidade como sendo lugares da pura homossexualidade, de libertinagem e de práticas sexuais imorais. Todavia, de acordo com Corino(2006), em seu artigo sobre *homoerotismo na Grécia antigas – homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades*, discutindo na concepção embasadora de Vrissimtzis essa visão é errônea e deturpada, sendo:

De qualquer modo, as diferentes opiniões sobre a homossexualidade e a pederastia que são formuladas de tempos em tempos por vários escritores, principalmente estrangeiros (não gregos), os quais tentam apresentar a Grécia antiga como o paraíso da homossexualidade e os gregos como tendo uma atração natural pelo próprio sexo – não constituem nada mais que a mera expressão de seus próprios anseios! (VRISSIMTZIS, 2002, p. 101).

Como recorte histórico verídico e acrescido de erroneidades culturais ignorantes, específicos de uma população, é imprescindível a discussão da necessidade de investigação ontológica das práticas homossexualizadas dos povos antigos para então compreensão plena destas formas de socialização. Logo, visar a interlocução de saberes como veículo de expressão e divulgação de conhecimento verossímil é tratar da homo-transsexualidade como caráter de verdade e importante. Todavia, também importa compreender o grau de impacto destes pensamentos, ideologia, na sociabilidade homo-transsexual e de que mecanismos de poder fora utilizado para além da captação religiosa, que fora tão massacrante que na atualidade permanece resquícios, como de uma herança maldita que desperta nas civilizações ações desumanas.

1.2 Dos conceitos clássicos do século XVII aos modernos do século XX na fomentação do lugar social de marginalidade: as ciências médicas, sexologia e psi.

No curso da história humana não foram poucos os objetos que assumiram determinadas posições sociais e em seguida, anos ou séculos posteriores, essa posição fora refutada e outros papéis sociais lhes foram atribuídos ou impostos, a se pensar, as mulheres, os negros, as filosofias e as ciências. Com a ascensão das religiões monoteístas e a reestruturação das organizações

sociopolíticas, econômicas e demográficas do mundo, a homo-transexualidade, em toda sua amplitude, perde sua posição de utilitária e passa a marginalidade.

Neste processo de demonização e anatural, de imoralidade e subjugação, não somente a religião, a cultura de massa e suas ideologias, e o senso comum criaram conceitos específicos e repeliram a esta comunidade, mas também, a saber, a mais desumana, a ciência criara teorias e impeliram sobre os transexuais a condição de doença e, portanto, os condenara a uma vida de preconceitos, humilhações e até mesmo, sobre efeitos destes pilares de conhecimento, ao trans-genocídio.

Sumariamente importante, a periodização cronológica da história, via ciências humanas, facilita na compreensão ontológica, portanto, histórica também, ou seja, a apreensão dos impactos de cada evento sobre a forma de sociabilidade humana, e assim no desenvolvimento de análises e compreensão de estudos doutros autores que já se despuseram a debruçar-se sobre o tema da transexualidade pelo viés das construções e reconstruções antrópicas no trajeto ‘evolucionário’ da humanidade.

Retomando superficialmente o majestoso mito da caverna, de Platão(2005), Chauí (1995) nos traz uma reflexão sobre a relevante necessidade de enxergar o mundo na perspectiva do conhecimento racional, aqui, portanto, tratar a transexualidade na ótica do real é lançar luz sobre a consciência dos homens na sapiência sobre os transexuais.

Para tal, traçar de forma linear e caracterizar os marcos vultuosos de cada período é aqui um ponto de análise e localização do próprio leitor, a fim de pô-lo na mesma perspectiva de visão dos impactos dos poderes nas formulações e reconstruções de ideologias, culturas e demais mecanismos de manipulação e ópio da população. Entretanto, se faz necessário captar que a transexualidade, assim como outros objetos sociais de estudos, devem ocupar uma posição de protagonismo, sendo o próprio filtro para análise ontológica. Consequente, a cronologia divide a história humana nos seguintes períodos:

1. A idade da pré-história não tem uma data precisa de surgimento, mas está finalizada no surgimento da escrita, tida por muitos estudiosos como sendo de fato o marco inicial da periodização da idade humana;
2. A idade Antiga tem seu nascimento com a criação da escrita, a aproximadamente 4.000 anos a.C., na crescência de grandes civilizações humanas – fenícios, hebreus, egípcios, mesopotâmicos, gregos e romanos, categoricamente, as duas últimas são ocidentais, enquanto as primeiras orientais, uma forma de caracterização dos períodos históricos humanos – os quais impulsionaram o desenvolvimento da agricultura e pecuária, com

utilização de mão-de-obra escrava; navegação e comércio, com o nascimento da ciência e filosofia; e seu término com a queda do império romano em 476 d.C.;

3. A idade Média inicia com este marco, de 476 d.C, situando as civilizações ocidentais enquanto economia feudal, com a construção dos castelos, grandes exércitos, igrejas difundindo-se e aprofundamento da agricultura e pecuária com o feudalismo; já no oriente a ascensão de dois grandes impérios: os Árabes e o império Bizantino, o qual tinha por capital a Constantinopla, favorecida pela geografia no desenvolvimento do comércio, o que motivou a sua tomada em 1453;
4. A idade Moderna, conseguinte, partindo do marco legal da tomada da Constantinopla, à evolução do comércio e das grandes navegações; do renascimento – importantíssima para a história, marcada pela expansão e aprofundamento das artes, filosofias e ciências; da divisão da igreja cristã, católicos e protestantes; da ascensão das: monarquias e seus abusos de poder; e da burguesia; até 1789 com a revolução francesa e implantação do capitalismo pelos burgueses;
5. E por fim, a idade contemporânea, a partir da revolução francesa até os tempos atuais, tendo em sua história a marca da divisão de classes, pela revolução industrial, proletários e proprietários, na Inglaterra; do crescimento exponencial das ciências e tecnologias, à globalização em seu aspecto de dualidade, unindo e instigando a competitividade das nações; e as grandes guerras mundiais.

Salientado os marcos e analisado seus impactos é fácil compreender o que motivara todos em seus desencadeamentos e progressões, a necessidade humana de poder, trabalhado por diversos filósofos e sociólogos, a saber, Hobbes(1651), no traz a visão do homem mal por natureza e que portanto carece da sociabilidade para sua contenção, todavia sua pretensa pelo poder o faz lobo do próprio homem. Independente de como os filósofos e cientistas sociais concebem a formação da sociabilidade humana e do nascimento da propriedade privada é indissociável a ligação direta pelo poder e hegemonia. Assim, em toda sua trajetória a humanidade deve ser analisada e estuda pelo foco de interesse de poder e, desta forma, torna-se perceptível a apreensão da transexualidade por meio deste mecanismo de propulsão humana.

Na idade antiga, ou antiguidade, a aceitabilidade homo-transexual estava dentro dos parâmetros de utilidade dos que detinham o poder, portanto sua legalização social parte das ideologias que aqueles criaram e divulgaram por meio dos aparelhos de persuasão existentes. Já na idade média<sup>10</sup>, quando as religiões expandem-se e são atreladas aos grandes impérios, ganhando

---

<sup>10</sup>Outrossim, segundo Jéssica Scheer Salles, em seus estudos acerca da psiquiatria por meio dos textos de Ackerknecht, foram os árabes que criaram as primeiras formas de tratamentos psiquiátricos, já na Europa por conta

assim grandes poderes e influências, os seus pensamentos religiosos passam a ser pilares para a sociabilidade e todas e quaisquer formas de sexualidade diferentes das heteronormativas passam a ser descartadas, dados aos valores de propriedade privada que se elucida com a solidificação das famílias nucleares.

Posteriormente, na efervescência da nova idade, a moderna, mesmo com todo seu aparato intelectual na amplitude do renascimento, os interesses pela sexualidade se centraram não mais nas diferentes orientações que persistiam, mas na forma como a heteronormatividade deveria ser apreendida e desenvolvida pelo fator de interesse coletivo, movida pela classe dominante. Ciências e filosofias abarcavam neste ínterim a elaboração de teorias que explicassem as sociedades, seus comportamentos e a natureza, mas nada focada na perspectiva específica da transexualidade humana, na verdade estudos acerca desta categoria surgem somente em meados do século XIX, com destaque para o século seguinte, idade contemporânea, quando os movimentos sociais ganham crescentes destaques.

Consequente, não enquanto vetor cronológico, mas em uma perspectiva explicativa, na idade contemporânea, já no âmago do sistema capitalista e suas feições de barbárie, a transexualidade passa a ter um espaço de estudo dentro das ciências humanas. Somatizada pelo impacto dos demais movimentos sociais que começam suas lutas mais significativas em meados do século XIX adiante, como o movimento feminista, homossexual e negritude americana, a transexualidade ganha seus primeiros estudos sistemáticos, conceituais e científicos. Neste período de análise ‘independente’ da forma como foram abordados – não considerando a patologização, mas a pretensa de retirado da sexualidade trans do âmbito do senso comum e de demonização religiosa – representam os primeiros passos no processo de redefinição do papel social identificatório do fenômeno transexual na história humana.

A priori, no filme *A garota Dinamarquesa*, do autor David Ebershoff, baseado em fatos históricos, uma das personagens caracteriza singularmente a transexualidade. Einar Wagener, é um conhecido e talentoso pintor dinamarquês, da cidade de Copenhague, ao lado de sua companheira, Gerda Wagener, e no decorrer da trama, Einar passa a portar-se enquanto mulher, trazendo a tona sua feminilidade, destoante do sujeito histórico-social masculino, descobrindo-se enquanto mulher e não como homem, como sempre portara-se em seu trajeto de vida.

Consecutivamente, cenas decorrem em torno deste acontecido, mas o que nos traz importância aqui é o fato da personagem não ver-se em seu corpo, e ter a necessidade de transitar unilateralmente e contínuo, do masculino para o feminino, ou seja, a partir de um determinado

---

da religiosidade, acreditava-se que essas enfermidades eram advindas das bruxarias e libertinagens e por isso o isolamento e a morte eram forma de minimizar essa mazela.

momento, ela toma ciência de si e para si, recusando-se a viver naquele quadrado social de homem, a qual estava envolta, rompendo com o binarismo sexual solidificado e com a cisgeneridade de sua época. Murta(2007), acerca do processo de psiquiatrização da transexualidade, discorre brevemente sobre a discordância da construção social dos indivíduos calcados no sexo biológico, acrescentando ademais do vetor gênero, enquanto construção sócio-histórico, desta forma ela discute:

[...]Existem pessoas que têm condutas que estão em “desacordo” com seu sexo biológico e que se apresentam de formas diversas, não se enquadrando nos modelos pré-fixados por este binarismo sexual. Há indivíduos que não se encaixam nas categorias vigentes de sexo e gênero e vão de encontro com as concepções naturalizadas da classificação sexual, colocando em questão a existência de apenas dois sexos determinados pela natureza e a relação imediata que se faz entre gênero e sexo biológico.(MURTA, p.10, 2007)

Desta forma, a personagem Lili Elbe, então mulher trans, que abandona o característico Einar, representa de forma corroborativa, na história da evolução humana, e não somente na evolução sócio-histórica dos transexuais, a erroneidade do dismorfismo sexual calcado pelo binarismo e a visão naturalizada de gênero fincada indissociavelmente do sexo anatômico, definindo padrões de comportamento e identidades sexuais. Ademais, Einar passa a ser Lili, em 1930, e esta morre logo após a cirurgia de redesignação sexual – transgenitalização – mas deixa ao espectador o sentimento de completude, que enfim, sentia-se ela mesma, logo, adequado seu corpo a sua psique, ou seja, o sentimento de pertença ao sexo oposto. Em linhas gerais, este filme retrata a transexualidade, sendo esta personagem, um sujeito histórico da primeira metade do século XX, e a segunda trans a operar na história da humanidade<sup>11</sup>, sem características de androginia, que fora fator para análise histórica inicial.

Dentro deste quadro de análise, remonta-se conceitos e estudos clássicos a cerca da transexualidade pelas ciências médicas, sexologia e psi (psicologia, psicanálise e psiquiatria), podendo ser visualizadas dentro do filme, *A garota dinamarquesa*, quando a personagem principal é direcionada a um especialista, endocrinologista, após um momento de crise, e é diagnosticada pelo mesmo como um desequilíbrio hormonal, o qual resultava em dores, estado confuso de masculinidade e infertilidade, submetida a um tratamento de exposição a radiação, como intervenção mais profunda, visando alcançar hormônios e reestruturá-los ao seu suposto estado de natureza – o sexo anatômico definidor de padrões de comportamento e base para a cisgeneridade. Todavia, após a intervenção radioativa, o especialista diagnostica o personagem enquanto paciente com insanidade mental e delirante, pois o mesmo, em converso com Einer, ouve da boca deste que

---

<sup>11</sup>Em 1921, ocorre a operação de Rudolf por Felix Abraham, aluno de Magnus Hirschfeld, o qual fizera a cirurgia de Lili Elbe em 1930.

ele havia machucado a Lili, que em cenas anteriores relata vir de dentro de si, como uma pessoa alheia ao personagem social e histórico que ele vive.

Trabalhar a transexualidade em seu sentido histórico de patologização/psicopatologização demanda, para além do seu âmbito bibliográfico e teórico, a apreensão transdisciplinar com outras categorias, especificamente a noção do prazer perverso, apresentado por Foucault sobre o dispositivo de saber e poder, a sexualidade. Dialogando neste mesmo sentido, todavia, em um recorte temporal descendente, Galeno aborda o trato da sexualidade humana, segundo Murta(2017), no conceito de uma uni-classificação sexual como havendo somente um sexo, o masculino, alocando a mulher como sendo um projeto masculino defeituoso ou não evoluído. Tal pensamento prevalece o ideário da idade antiga ao século XVII, posteriormente, com a expansão das ciências da natureza, por meio do Renascimento, corroborando com a hegemonia e o trato do poder, a sexualidade passa a ser estudada pelas bases biológicas. Murta trabalha esse cenário, embasada em Nunes, enquanto:

[...]a hierarquia entre os sexos se manteve apesar de não haver mais referência a uma determinada perfeição masculina. Em função da necessidade de redefinição de papéis para manutenção da ordem social burguesa e para manutenção da mulher em seu lugar de inferioridade em relação ao homem, os sexos feminino e masculino foram diferenciados social e culturalmente a partir de argumentos anatômicos. (MURTA, 2007, p. 17)

Gesta-se, portanto, uma diferença sexual, binarismo heteronormativo, alocado no saber biológico cientificista, classificando e determinando papéis sociais específicos a cada sexo, delimitando e gerindo a identidade sexual. Com a corroboração doutros avanços biológicos solidifica-se no avançar dos séculos a noção científica de um lugar próprio para cada indivíduo, baseado no sexo anatômico.

Outrossim, a mulher por fatores fisiológicos é solicitada pela sociedade de base machista a permanecer na inferioridade e assumir o posto materno, como sendo um dos poucos privilégios femininos naturais, calcado na Renascença, assim como, fundamentada pela menor massa encefálica a não adentra em campos de ciências, políticas e outros âmbitos de conhecimento. Substancialmente, nesse entremeio é solidificada cultural e socialmente a concepção de diferença de gênero e padrões sexuais dentro da sexualidade humana.

Outrossim, apreendendo esse mecanismo de poder e saber, a sexualidade, concebida pelo seio social e histórico, Foucault discute como o sexo não está conectado firmemente nas bases anatômicas, mas, também, tem sua particularidade tangenciado pelo desenvolvimento da sociabilidade, ou seja, a cultura enquanto aparelho de influência social. Em seu livro *História da sexualidade I – a vontade de saber*, Foucault(1988) aborda a sexualidade como um aparelho social

e histórico que trabalha sobre os indivíduos, operando conjuntamente com outros mecanismos na forma como a sociabilidade é exercida.

Adiante, a medicina passa a diagnosticar a existência de um verdadeiro sexo, ou seja, a ideia essencialista de existência preconcebida do sexo baseado na sua anatomia – tendo bases de teorização nos pilares administrativos do Estado, do ser político e científica da época – e a recusa permanente da dualidade sexual no mesmo indivíduo. Concretiza-se a exigência da identidade sexual e gênero baseado na anatomia e toda e qualquer outra forma que fugi-se ao padrão era listado pela medicina como anatural.

Murta (2007), com base no saberes discutidos por Lanteri-Laura (1994), o prazer perverso era analisado inicialmente pelo campo jurídico e somente com o surgimento da sexologia que passa a um saber propriamente científico e de caráter médico, no século XIX. Profundamente, as bases biológicas que reformularam o pensamento do século XVII e XVIII, dão bases para o saber discursivo da medicina que passa a um patamar protagonista nos conhecimentos acerca da sexualidade, sexologia e psiquiatria.

Lanteri-Laura(1994) afirma que é neste momento que a medicina passa a definir as bases da sociabilidade sexual, ocupando o lugar que dantes pertencia a igreja, legitimando ou não práticas sexuais com base no binarismo heteronormativo de reprodução. Neste momento, cria-se a base teórica de sustentação ao termo sexo perverso que é a prática contrário ao estabelecido pela ciência médica, que fora difundida na sociedade e atingira até mesmo o senso comum. Assim, desde muito antes da criação do próprio termo de referência aos transexuais, a sua condição já estava solidificado enquanto patologia.

A partir de então, surge a noção de perversão como denominação científica da corrupção do instinto sexual[...] Compreendido como um distúrbio que não estava relacionado com o excesso ou com a falta, tinha em seu significado um conceito pejorativo confundido com a depravação[...] a conotação de disfunção qualitativa atribuída à perversão seria uma metáfora moralista que deu a este conceito os atributos de uma alienação mental, uma degeneração, tal como a loucura moral. (MURTA, 2007, p. 21)

Gestado sobre bases moralistas e de interesses de poder, a patologização social da transexualidade a priori e a sua materialização com as ciências médicas só final do século XVIII, colocam sobre a comunidade LGBT, ancorado no ranço trago pelas próprias religiões monoteístas, o preconceito e a discriminação, acarretando no processo de marginalização pela exclusão social. Posteriormente, com a vinculação dos pensamentos de Von Krafft-Ebing(1885) e Magnam(1885) esses comportamentos aproximaram-se ainda mais do fenômeno de patologização, quando em teses

Krafft-Ebing(1885) alinha prazer a perversão desde que não estivessem de acordo com a manutenção da espécie, ou seja, tudo o que fugi-se ao caráter binário heteronormativo reprodutor.

Inteirado destes vetores de conhecimento, a medicina, a sexologia e psiquiatria, abrangem seus campos de estudos no século XIX conceituando identidade de gênero enquanto alinhamento direto entre sexo anatômico, gênero e comportamento sexual, e qualquer desvia caracteriza uma psicopatia a ser tratada.

Ainda em razão das pesquisas e estudos do século XIX, o termo transexualismo é apresentado pela primeira vez em análises de Magnus Hirschfeld em *Die Transvestiten* (1910), sobre a vinculação de transexualismo psíquico, equiparada por Krafft-Ebing(1885), anos anteriores ao hermafroditismo psíquico. Outrossim, em análise científica dos termos utilizados inicialmente reforçam a tese primário de antes da sua nomenclatura discriminante, os transexuais já estavam alocados nesta semiologia de disfunções e desvios sexuais. Todavia, estudos mais caracterizantes e específicos advém do século posterior, na qual, estudiosos da medicina e das ciências psi debruçam-se linearmente sobre o fenômeno transexual.

Especificamente, com as pesquisas de Cauldwell(1949), no meado inicial do século XX, em estudos teorizados pelo artigo *Psychopatia Transexuallis*(1949), o transexual é tratado enquanto indivíduo com deficiência mental, acometido por uma infância pobre e desfavorável, limitando sua condição ao trato médico e terapêutico. Segundo tal, o psicopata transexual é o indivíduo cuja sanidade mental está afetada, apresentando um desequilíbrio psicológico e emocional, e por determinado fator gerencial vivenciado na infância deseja essa mudança ao sexo oposto, caracterizando oficialmente sua distinção da homossexualidade e travestismo (MURTA, 2007).

É dentro deste ideário, retomando aos estudos de Cauldwell (1949), que Henry Benjamim (1966), endocrinologista, posiciona-se a favor das cirurgias biomédicas de transgenitalização sexual como sendo o tratamento necessário ao fenômeno transexual, e se posiciona a favor da inserção da pessoa trans na sociedade, por crer que após o bem-sucedido caso de George Jorgerson, o transexualismo estaria ligado diretamente a questões endócrinas, noutras palavras, mesmo que em consciência de patologia do transexualismo, ele defendia seu tratamento por meio das cirurgias de inversão sexual, o que para os médicos mentais no período era criticável.

Em detrimento dos avanços biológicos ocorridos no século XX, Benjamim(1966) via a sexualidade humana como um fio mais flexível que os conceitos sólidos dos séculos anteriores, tratando o sexo como um vetor para além de sua base anatômica, enquanto também social e psicológica, por isso sua defesa constante em favor da transgenitalização<sup>12</sup>. Pra Benjamim (1966), as bases para compreensão desta patologia estavam nas bases orgânicas:

---

<sup>12</sup>Vale ressaltar que este termo não era o utilizado no período, mas, sim, os termos vaginoplastia e faloplastia.

O condicionamento na infância e o possível *imprinting* sem dúvida tem uma conexão com o desenvolvimento e a intensidade do fenômeno transexual, mas pode apenas ser considerado como algo que contribui ou uma de suas variadas causas. A presença de uma origem ou predisposição inata, orgânica, mas não necessariamente hereditária parece mais e mais provável. (...). Os refinamentos na genética (cromossômicos) devem achar a chave. Experimentos de fisiologia cerebral e investigações neurológicas devem ser a grande promessa. (BENJAMIM, 1966)

Benjamim elenca em seus estudos uma série de tipologias de sexo – cromossômico, anatômico e genético; genital, gonádico: endócrino e germinal (os quais não são lícitos o seu discurso e diferenciação devido área de conhecimento distinta da que aqui proponho-me a discutir), caracterizando também o sexo psicológico e social, deixando amplamente claro seu posicionamento em favor da inserção dos indivíduos desviantes, segundo o mesmo, na sociedade, assim como sua possibilidade de tratamento hormonal e cirúrgico.

Em sua obra, o fenômeno transexual, Benjamim(1966) chama a discussão a necessidade de origem de tal fenômeno, entrando em conflito com os saberes de cunho mental, das teorias psicológicas. Entretanto, não se havia comprovado nenhuma das teses de abordagem, nem a de cunho psicológico, nem a de cunho orgânico, levando assim, estudiosos a não negarem nenhuma destas, apesar de a primeira ser amplamente difundida e socialmente aceita.

Acerca da abordagem organicista, estudos e avanços na neurociência possibilitaram o aprofundamento de Benjamim(1966) em seu discurso, segundo Murta (2007), de forma sucinta acerca desta abordagem, a neurofisiologia humana seria uma das principais bases para apreensão da origem transexual. Seriam os hormônios em ação direta no cérebro e a genética, somada ou não a acidentes neurocerebrais na infância e os impactos do psicossocial que geravam essa desordem de identidade de gênero.

Dentro do mesmo viés, de tentativa de explicação das origens transexuais e travestilidade, Money (1969) busca suas bases dentro da psiquiatria, ao realizar estudos e pesquisas com crianças intersexuais nos Estados Unidos. Motivado por fatores sociais e biológicos, em sua construção histórica, o homem passa a ter influências de ambos em seu desenvolvimento, todavia, é na construção cultural que se gesta a origem do masculino e do feminino.

Money (1969) traça um dos maiores contributos de seus estudos quando propõe a divisão do sexo e do gênero, ou seja, as bases anatômicas e sociais, sendo a segunda, devido o mecanismo das ideologias e cultura de maior impacto sobre a vida dos indivíduos, sobrepondo-se ao sexo biológico. Contudo, devido seu caráter tradicionalista, mesmo que avançado em sua época, fora bastante criticado, mas não há como negar que suas explicações simbolizaram avanços médicos e

antropológicos que futuramente possibilitaram a discussão psicoassistencial a categoria T, transexuais e travestis.

Em detrimento desta forma de observação científica, de cunho psicossocial, Robert Stoller (1973) apropriado do conceito de Money (1969), corrobora na concepção da influência da família, na infância sobre o indivíduo. Para ambos, a vivência e a construção neuro da criança geravam as anomalias comportamentais que eram irreversíveis e se solidificavam na maturação sexual. Stoller (1973) traças linhas de como a cultura e o social são fatores determinantes na produção da feminilidade e masculinidade, e em como o gênero é uma construção sócio-histórica, por isso a necessidade da inserção desta categoria nas nomenclaturas psiquiátricas e a legalização de cirurgias transgenitalizadoras.

Para além disso, nesse crescente desenvolvimento teórico acerca dos transexuais e travestis, o fenômeno adentra os anos de 1994 como *Transtorno de identidade de gênero* (TIG), pelo DSM IV (Manual Diagnóstico e Estatístico das Doenças Mentais), sendo anteriormente caracterizado pela *disforia de gênero*<sup>13</sup>, na qual consiste numa psicopatologização deste fenômeno. Portanto, independente da abordagem que se fazia ao trato médico, psiquiátrico ou sexólogo, com relação a população T, que tomara grande repercussão na época, a patologia e/ou psicopatologia estava associado intimamente, gerando sobre tais indivíduos uma estigmatização que futuramente gestou a *base legalizadora social* para seu genocídio, no Estado brasileiro.

---

<sup>13</sup> [...]em 1977 o transexualismo é incorporado à categoria psiquiátrica de *Disforia de Gênero* que incluía, além desta condição, outras “enfermidades” ligadas à identidade de gênero.. Esta denominação, que designa a insatisfação decorrente da discordância entre o sexo biológico e a identidade sexual de um indivíduo, trazia a descrição da experiência transexual e apontava como a única possibilidade de tratamento a realização da cirurgia de conversão sexual e a utilização de hormônios. (MURTA, 2007) Sendo a disforia ligada diretamente ao trato do desequilíbrio emocional, ansiedade constante, solidão intensa, caracterizando um sofrimento intenso de cunho psicológico.

## CAPÍTULO II. A DESCONSTRUÇÃO DOS CONCEITOS E A POSSIBILIDADE DE DESPATOLOGIZAÇÃO DA TRANSEXUALIDADE.

### 2.1 Dos conceitos, relações humanas e confronto ao cientificismo – Terceiro sexo ou necessidade da desconstrução de gênero?

A interpelação da transexualidade pelas lentes das ciências naturais passara a ter relevância nos meandros do século XIX, quando a sexualidade deixara de ser analisada pelos interesses de poder eclesiástico. É válido ressaltar, primeiramente, que a igreja cristã até então não havia tratado de forma direta do termo transexualidade, enquanto forma de comportamento e *identificação biopsicossocial*, todavia, as ciências de cunho biológicos e algumas ramificações das ciências psi, desde o século XVII/XVIII, tratavam-na em sua superficialidade, tecendo críticas, formulando teorias e procurando aprofundar conhecimento sobre o determinado objeto de estudo.

Outro vetor, em segundo lugar, a ser levado em consideração, é o trato da sexualidade nos diferentes períodos da trajetória humana e em que estágio encontrava-se adentrando a contemporaneidade, assim, refletir a transexualidade exige do pesquisador/leitor a compreensão antecipada de sexualidade em suas diferentes expressões e impactos na vida social.

Invertendo a ordem, o trato da sexualidade é infinitamente mais amplo em seus discursos teorizados que a transexualidade, e nesta vertente de saberes mais difundidos se faz norteador ao estudioso a tomada de um lado específico, a saber, o ideal tradicionalista ou moderno da sexualidade<sup>14</sup>, para desta forma poder dialogar com as teorias que validem seus pensamentos. Simone de Beauvoir(1967) em seus estudos acerca de gênero, no vetor sexualidade, afirmar *‘ninguém nasce mulher: torna-se mulher’*, noutras palavras, a desconstrução de uma biologia classificatória e a influência dos mecanismos de poder e persuasão na construção do sujeito<sup>15</sup>. Desta forma, captar o poder dos mecanismos que são construídos em torno do indivíduo na sua subjetivação forçosa é para além de analisar a estratificação e hierarquização do corpo humano, é vislumbrar a arquitetura desenhada para alocar dados indivíduos singulares em dados espaços específicos, construídos e modificados conforme necessidade estrutural, construindo uma normativa de sexualidade e gênero.

---

<sup>14</sup>O trato do estudioso na tomada de um lado a ser estudado está ancorado na dualidade no que refere-se aos conceitos tradicionais de sexualidade, pautados na moral cristã, e no conceito moderno mais amplo e de inclusão da diversidade sexual e de gênero, podendo desta forma fomentar seu próprio discurso com fundamentações teóricas.

<sup>15</sup>Lacan(2010) aborda a diferença do indivíduo, como sendo qualquer ser humano, e o sujeito, como sendo um ente empossado da categoria saber, subjetivado pelas experiências vividas, dialogando diretamente com o saber de Foucault, na interação direta do meio para com o sujeito. O sujeito Lacaniano(2010) é dependente exclusivo do mecanismo da linguagem, ou seja, o indivíduo é aquele o qual está desconectado do meio social, enquanto, o sujeito, figura aquele a qual compreende-se no meio social, internalizando o que está a sua volta pela categoria discurso de valores simbólicos, que lhe é antecedente, desta forma, o efeito sócio-cultural sobre o tal.

*O outro*, na antropologia, é tão somente o outro, enquanto no discurso de Beauvoir(1967) o outro do ser homem, em análise ontológica, seria a mulher. Não há como igualar um indivíduo a outro, quando em tese, todos os seres humanos, são distintos entre si, e o que os fazem semelhantes é sua capacidade de sociabilizar, seja por meio do veículo comunicativo, a linguagem, ou por outros fatores sócio-antrópico. Por meio disto, pensar a mulher e *seu* papel de gênero, criado e imposto sobre tais, é pensar em como o homem, entendido enquanto superior em sua espécie, a pensa e a vê.

Logo, em sua visão de superioridade, locado por inúmeros estudos ao longo da história, verídicos ou não, vislumbra o lugar da mulher como de servência e manutenção de seus prazeres, seja, sexual, econômico, administrativo ou mesmo político. Gesta-se neste percurso não somente a inferiorização do segundo sexo, mas também a subinferiorização daqueles que estando no patamar desejoso deseja está noutro, exegeticamente, o transexual que nasce biologicamente homem e vê-se no mundo enquanto mulher, passa a ter sobre si, dois elementos discriminativos gestados pelo homem-padrão<sup>16</sup>, a negação de seu falo e o estado mulher, respectivamente, o transfobia e o machismo.

A priore, Simone de Beauvoir(1967), em o Segundo Sexo, elabora uma apresentação minuciosa de como o falo é a representação máxima da libertação masculino e na sua ausência encarcera a mulher em seu próprio corpo. Tendo o pênis uma função de distinção de lugares a se está, bem como exerce uma suposta superioridade desde tempos remotos e fora se construindo e reconstruindo em torno de si teorias que os mantivesse no poder, e na sua ausência sobrara tão somente o outro, ou seja, aquele o qual não o possui<sup>17</sup>. Desta forma:

Ao menino, ao contrário, proíbe-se até o coquetismo<sup>18</sup>; suas manobras sedutoras, suas comédias aborrecem. "um homem não pede beijos... um homem não se olha no espelho... um homem não chora", dizem-lhe. Querem que ele seja "um homenzinho"; é libertando-se dos adultos que ele conquista o sufrágio deles. Agrada se não demonstra que procura agradar. (BEAUVOIR, 1967, p. 12)

Em torno do falo é construído um mundo de proibições e de privilégios que não são dados enquanto possibilidades as meninas, as quais são mantidas dentro do lar, como mais frágeis, indefesas e projetadas a um destino solidificado ao longo do tempo, mesmo não tendo ainda seu caráter de hodierno, mas já materializado no futuro, sendo a futura mulher um ser do lar, mãe e objeto de prazer.

---

<sup>16</sup>Compreendido como sendo em primeiro lugar biologicamente homem, heteronormativo, cisgênero, de pele branca, de aquisição financeira boa, entre outros fatores étnico-raciais, econômicos, políticos e outros.

<sup>17</sup>Em determinado período da história humana a mulher fora classificada enquanto homem invertido, sobre análise científica de como a sua genitália era a representação invertida, para dentro, e imperfeita da genitália masculina, assim, não havia a existência de dois sexos, mas sim apenas de um sexo, o qual existia os perfeitos e imperfeitos.

<sup>18</sup>Uso da aparência para sedução, atração, admiração, sendo nos trejeitos, nos modos de falar ou agir.

Subjetivamente expressa o que Foucault(2011) denomina de processo do aparelho de sexualidade no mecanismo de poder ou mesmo o que Bourdier(1979) traça ao explicar sobre *doxa* – internalização do machismo pela mulher. Remete-se a um biologicismo que não tendo poder verídico, se consubstancia na legalização social, que não compreendido por todos, todavia, se torna aceito socialmente desde sua internalização na infância. Esse processo é englobado pelo fenômeno mecanicista do poder, o qual opera de forma a não ser notado, com tudo, gera na sociabilidade mudanças tão profundas que mesmo na sua compreensão, os mesmos não conseguem extingui-lo.

Consequente, a ausência do falo ou a negação deste, enquanto instrumento de poder e o estado de mulher, conduzem as transexuais a um patamar de subinferiorização, e no sentido analítico do Segundo sexo Beauveriano, a enquadra a um *terceiro sexo*<sup>19</sup>. O que pensar então ao tratar-se não de *mulher trans*, mas sim de *homem trans*? No mesmo sentido direcional, a ausência do falo ou sua materialização pós nascimento o coloca num nível menos honroso aos que biologicamente foram postos, todavia, mais honroso que aqueles que não os possui ou deseja não possuir<sup>20</sup>. Sequencialmente, cabe ressaltar que o mecanismo capital interfere de forma substancial, no quesito aquisição financeira suficiente para a transgenitalização necessária e ambicionada ou esperar pelo sistema de saúde sucateado.

Nesta interface, poder do falo e o poder do capital, instaura-se uma concepção de poderes distintos, porém, complementares. Em *A revolução dos bichos*, de George Orwell(2007), aqueles que antes não possuíam nada, os porcos, quando passaram a possuir o domínio administrativo da fazenda, deixam de lado o que foram e passam a comportar-se de acordo com o que não vislumbravam antes como suas posses, pela ótica do poder. Noutras palavras, e em alusão aos transexuais masculinos, para além de sua maturação social devem compreender o falo como um instrumento bio-estético complementar e não de poder. Com tudo, é nele que se constrói genericamente o sentido de plenitude masculina e a adição deste na anatomia humana conduz o indivíduo a uma satisfação pessoal e social pré-projetada, de superioridade e privilégios.

Pensar desta forma é compreender como os mecanismos de poder influem sutilmente na padronização do comportamento humano, de acordo com Foucault(2011), e posteriormente, na exclusão daqueles que não conseguem chegar a este patamar, seja por incapacidade ou por impossibilidade. Gritantemente, somente uma parcela mínima da sociedade alcança esse patamar de

---

<sup>19</sup> Ao analisar a locação da mulher enquanto segundo sexo compreende-se que é um lugar destinado aos objetivos do primeiro sexo, o homem, como sendo um outro que não tem vez nem voz, desta forma, locar os transexuais ao patamar de terceiro sexo é conduzi-los também a um não-lugar de fala e vez.

<sup>20</sup> Disforia genital ocorre em alguns indivíduos trans no que se refere ao desagrado total com a genitália com a qual biologicamente nascera, desejando de toda forma não tê-la, todavia, nem todo caso pode ser considerado disfórico, alguns tão somente não se identificam e por isso desejam retirá-los, mas isso não os condicionam a práticas como mutilação e seus adjacentes ao fim de retirá-los de qualquer maneira.

superioridade, vitimados pela biologia, história, política, cultura, possibilidades expostas e disponíveis, e uma série de outros privilégios sociais que tão somente estes, homens, cisnormativos, brancos e héteros, detêm.

Em segundo lugar, não atribuindo valores numéricos, mas de forma horizontalizada, *o estado mulher* conota solidamente a internalização de papéis de gênero. Como já fora apresentado no capítulo I, a mulher em suas esferas de atuação na história é locada como doméstica, genitora e, posteriormente, escrava sexual, fixada nos valores de superioridade masculina ao passo do doxa na mulher.

Perpetrado pela biologia ou pelo valor moral eclesiástico e uma série de outros mecanismos intelectivos de manutenção hegemônica masculina, a mulher fora sendo desenhada, construída e reconstruída aos seus interessados. Isto conduz o raciocínio a uma vertente mais ampla, a complexidade do fenômeno gênero, ao se relacionar com o comportamento humano, mediante especificidades comportamentais ligadas a públicos específicos, ou seja, o homem portar-se enquanto homem, o homem negro enquanto homem negro, o homem negro cis enquanto homem negro cis e assim por diante.

Tratar a mulher de forma a ter um papel específico de comportamento é remeter a história humana e visualizar no negro um outro papel, o de escravo, sem alma, ignorante, reprodutor; o do indígena nativo preguiçoso, sem compromisso, desprovido de vergonhas cristãs, por andar despido em público; mas que não deixa de ser um receituário a ser seguido e que não foram estes que os criara, situado em um dado período e espaço.

Em umas das suas reflexões sobre o comportamento de gênero e performar sexualidade, Rita Von Hunty (2020) explana que o homem rico e branco francês do século XVII usava pó de arroz no rosto, longas meias nas pernas e peruca, mas que se perguntar aos mesmos homens na atualidade, esses de certo, não seriam considerados padrões de masculinidade. E Assim sendo, como projetar ser mulher numa sociedade que não permite a mulher ser ela? Ou mesmo como ser uma mulher transexual numa sociedade que impõe sobre esta: seus valores, caracterização sociopolítica e ao mesmo tempo, discrimina, julga e mata-a? Ademais, o ser homem é uma criação humana em qualquer espaço e tempo, dotado de valores tóxicos aos que são por eles tratados e aos que desejam apossar-se dela, independente de ser voluntário ou não, o que expressa uma dinâmica amplamente perigosa, ao passo de ser tão disseminada, que passa a categoria de verossímil e indispensável a produção e reprodução da masculinidade.

De forma corroborativa, aloca-se nesta compreensão a introjeção do efeito de naturalização e a-naturalização, ou seja, a não existência do efeito natural, mas sim, de efeito de naturalizar. Noutras palavras, o ser homem na atualidade não é natural, mas sim, fora projetado e naturalizado.

E o ser transexual passa por um processo contrário, o de a-naturalização, desejando veemente o caminho inverso.

Em toda sua racionalidade o ser humano, homem cabalmente, desenhara o espaço geográfico para a aquisição de poder, na tentativa de superiorizar seu comportamento, e assim padronizar ou manipular aqueles a seu derredor. Não ocorrera de forma distinta com a instância da sexualidade, na qual ele procurara expressar sua altivez na inferioridade da mulher, compreendida em primeiros relatos como sendo o outro do homem, aquele a qual não possuía o falo por uma questão de não desenvolvimento suficiente e que, portanto, já era por biologia, inferior.

Avançando no tempo, foram tidas as mulheres como sendo demônios ou indignas de prestar prazer ao homem, isto antecedente ao renascimento, posterior a este, com a ascensão das ciências, a mulher ganha mais espaço, todavia enraíza-se na cerâmica do lar, impossibilitada de afazeres administrativos de cunho político, sequencialmente, nos pilares capitalistas, monta-se a necessidade material de uma mão-de-obra mais flexível e mais barata, por ser menos qualificada<sup>21</sup>, e por ser tão somente *mulher*.

Gesta-se neste contexto a produção doutros mecanismo de poder que transportam as mulheres, que outrora estavam tão somente no lar e agora nos chão das fábricas, a uma outra forma de manutenção hegemônica masculina, sendo exemplos a inferioridade salarial, a suposta incapacidade racional e a própria maternidade. Com a contemporaneidade as formas meticolosas de manipulação foram de um patamar a outro de complexividade objetivando a inalteração do posto projetado as mulheres, o lugar de outro, segundo sexo ou mesmo outro gênero.

Consecutivamente, a inferioridade não é sinônimo de ser mulher, todavia, analisá-la no trajeto histórico é quase impossível não remeter-se a tal termo e, como pilar desta produção, como pensar o transexual psicopatologizado dentro deste contexto? O terceiro sexo lhe recobre de uma série de desumanizações que não lhes são autoproduzidos, a coisificação intensificada, a não prestação de saúde de qualidade e especializada, o trans-homicídio hediondo, a ausência de família ampla afetiva, dentre tantas inferiorizações que não foram tais que criaram, e sim, são postas sobre estes como quem é passivo e não tem direito de ser humano.

Transversalidade é discutir como os papies de gênero, psicopatologização dos trans e mecanismos de poder interagem nesta sociabilidade. Adentando conceitos patologizadores, de remeter-se as pessoas trans como quem porta uma doença, apresentando um desvio do que supostamente é tido como anatural, expresso pelo prazer perverso de Lanteri-Laura(1994), como

---

<sup>21</sup>A desqualificação da mulher no meandros iniciais de sua requisição nos chãos das fábricas, parte não do valor machista de sua incapacidade inferior de aprendizado, mas sim, da impossibilidade anterior de está em ambientes destinados ao seu ensino qualificador.

pensar o fenômeno transexual no processo de naturalização e retirá-lo da esfera marginalizada e patologizante da sociedade?

De forma linear e sobre os impactos dos vetores que estão sobre si, os transexuais em primeiro momento, bem como os estudiosos, devem apreender que sexo e gênero não são tão distantes como afirmam, dicotomizados e opostos. Atribuem a categoria sexo a base unicamente biológica e a categoria gênero a base sociocultural, não havendo desta forma uma ligação entre ambos, outrossim, há um consensual discurso contemporâneo que sobrepõe a categoria gênero ao sexo, afirmando a superioridade da cultura sobre a biologia, respectivamente, sendo cada qual aspecto de áreas não tangenciais.

Porém, pensar o sexo ligado somente a biologia é desmontar uma história que fora construída em torno de si. Segundo Butler, o sexo é uma construção transbiológica, ou seja, transcende a anatomia e adentra outras dimensões sócio-históricas do homem:

[...] a diferença sexual é frequentemente evocada como uma questão referente a diferenças materiais. A diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas. Além disso, afirmar que as diferenças sexuais são indissociáveis de uma demarcação discursiva não é a mesma coisa que afirmar que o discurso causa a diferença sexual. A categoria do “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Nesse sentido, pois, o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa[...] (BUTLER, 2002, p.60)

Butler(2002) traz ao debate a necessidade de aproximação das categorias sexo e gênero, não distanciando-os, mas gerando entre os mesmos uma ponte de ligação. Pensar a categoria sexo indissociável de sua formação histórica, remontando as práticas normativas que foram sendo postas sobre tal e gerando na sociedade um ideal a ser seguido, sobre como o ser homem é dotado de habilidades físicas, como força e inteligência, e que desta forma, deveria dominar sobre os mais fracos.

Outrossim, de como a sua genitália é bela e imponente, geradora de vida sobre a ótica do passado civilizatório e em como a mulher deveria ser submissa, aqui recaindo novamente toda a herança supramencionada, sobre sua formação frágil, de carácter emocional, menor massa cerebral e outros fatores biológicos e biologicistas. Basta olhar para esses receptores sócio-históricos para então desvelar que sexo também é uma categoria indissociável do discurso e do lugar social a que se loca os indivíduos.

Exegeticamente, o ser humano tem sua origem na biologia, interligado com outros fatores, os quais são condicionantes para sua geração e manutenção, e na sua fase de desenvolvimento, este também é nutrido destes fatores que lhes são externos. A economia, a política, o social, noutros

termos, a geração do indivíduo transcende a biologia e ao nascimento o ser humano já é um ser histórico, formado por vetores que sobressaem a ele, e que, portanto, a sua biologia anatômica é apenas uma característica dentre tantas outras<sup>22</sup>.

Dentro desta perspectiva, o corpo afirma-se então enquanto construção histórica, consecutivamente, não há como discutir o sexo enquanto traço unicamente biológico, mas que é uma construção também humana. A natureza não é capaz de produzir uma essência, uma vez que na sua materialização, cada indivíduo ocupa um posto específico e comporta-se de forma pré-estruturada, ou seja, *os corpos de homens e mulheres não originam essências ou naturezas femininas e masculinas* (CARVALHO, 2011). Senkevic e Polidoro(2012) corroboram com este discurso, ao tecerem em o ensaio sobre corpo e gênero, a seguinte frase;

A nossa biologia – sejam os genes, a anatomia ou mesmo os hormônios – não seria capaz de explicar características tão variáveis de cultura a cultura e tão permeadas de sentidos e significados particulares a determinados contextos, isto é, não podemos esperar que um certo genótipo explique a preferência pela cor azul ou que um conjunto de alelos leve ao interesse por bonecas em vez de dinossauros. (SENKEVIC, POLIDORO, 2012, p. 18)

Simultaneamente, é válido destacar desta forma que no discurso da geração da divisão material baseado na diferença sexual é gerada pelos discursos, caracterizando o que Foucault denomina de ideal regulatório. Desse modo, paira sobre a categoria sexo, além da anatomia, um discurso precedido gerador doutros discursos, e estes são mecanismos manipulatórios que forçosamente constroem a sociabilidade. Aqui, portanto, sexo seria um vetor sociobiológico e gênero seria sociocultural, exercendo papéis similares, todavia, não iguais. Gênero integraria o caráter de englobar os impactos do sexo na sociabilidade, enquanto sexo seria um dos vetores de base na formação civilizatória humana.

Sucessivamente, materializado esse pensamento de gênero e sexo, acentua-se sequencialmente o impacto dos papéis de gênero, na interface do lugar social que cada indivíduo deveria ocupar. Sendo o homem, suposto, superior, caberia a este o lugar de comando, na política, economia, na administração em escolas, institutos, comércio, no legislativo e a mulher, enquanto segundo sexo, ocuparia os demais locais a qual o homem não se submeteria. Logo, ocupados os postos de gênero, como pensar a locação dos transexuais, uma vez que já estão todos devidamente encaixados? Analisa-se, portanto, a interação direta de divisão social do trabalho e divisão sexual da vida frente aos não locais sociais dos transviados.

Posto sobre o reflexo da patologização, do não lugar social destes e impactados pelos mecanismos de poder influentes no meio, desde outrora e na produção contemporânea, resta aos

---

<sup>22</sup>Para além de sua formação enquanto embrião até sua concepção, tais fatores interagem entre si e o desenvolvem, e após seu nascimento, estes mesmos fatores permanecem a influenciarem e construí-lo enquanto sujeito.

transexuais o posto de marginalidade. Refletir essa locação marginal é debater como os discursos psicologizantes e psicopatologizantes, gestados sobre os transgêneros e transexuais, refletem na não manutenção de suas vidas. Ademais, é no processo de divulgação e exposição dos produtos do capital que se binariza e intensifica essa classificação, não abrindo espaços novos e expiando os sujeitos desviantes do padrão cisnormativo.

Terceiro sexo ou necessidade de desconstrução de gênero vem na perspectiva de compreender o lugar dos transexuais, transgêneros e travestis no mundo. Não há a opcionalidade de não existência destes indivíduos nem mesmo a de extermínio em massa, o que se analisa neste contexto é como trazer a luz a um não-lugar e a um não-sujeito.

Lacan(2010) corrobora em sentido conceitual do sujeito ao afirmar que ele sai do patamar meramente indivíduo para sua subjetivação quando este internaliza sua essência, lugar de fato, fala, intelecto, invariavelmente, permanece no posto de indivíduo quando não detêm a possibilidade de autonomia, mediado pelo discurso. Então, têm-se aqui, um indivíduo não possibilitado de autonomia – muito menos que os demais sujeitos cis a seu derredor, levando em consideração os fatores capital e ideologias decorrentes – e não compatível com os locais arquitetados para comportar os binários padronizados.

A priori, a subjetivação trans depende indissociavelmente da sua despatologização e desestigmatização, respectivamente, ciência e senso comum, como processo de desconstrução social e possibilidade de reconstrução destes indivíduos enquanto sujeitos. Citado o caminho para a autonomia trans, resta aos sujeitos a emancipação do capital, noutras palavras, para além de uma transcendência subjetiva existe uma transcendência sócio-organizacional visualizada por Marx(2005) como sendo o caminho para a igualdade entre classes.

De forma corroborativa, a teoria é visualizada como uma lente, segundo Cevasco(2020), a qual auxilia na compreensão da realidade, desta maneira, faz-se imprescindível a instrumentalização como vetor de análise verossímil, sendo necessário um conjunto de instrumentos capacitadores de apreensão do real, para haver a decodificação da realidade, isso em discurso com Hunty (2020).

Quando não existe a categoria do discurso, a realidade perde foco, deixando de sê-la, e é nessa vertente analítica que se enquadra a noção de relatividade, destarte, cada teoria dá cabo de entender a realidade de uma forma, podendo o objeto ter significados diferentes em sociedades distintas. Outrossim, é na produção do discurso que se compreende a realidade mediante a naturalização deste, ou seja, não é fundamental somente a elaboração do conceito, mas para além dele, deve haver sua proliferação e socialização. À vista disso, a produção do conhecimento acerca da transexualidade deve ser contínua e de forma prolifera, possibilitando, por conseguinte, a

visualização dos sujeitos diferentes como sendo somente diferentes e dignos de respeito e sociabilidade ampliada.

Consequentemente, na manutenção do discurso para decodificação da realidade, deve ser fundamental ao observador participativo o filtro de seus instrumentos de análises. Assim sendo, primar pela utilização de teorias que deem cado do real de modo a centrar-se no respeito igualitário e autonomia dos sujeitos participativos e referentes. Ademais, Freire(1983) em sua função discursiva do conhecimento, conduz a codificação da realidade pelo viés da linguagem e da experiência vivida, deste modo, os filtros podem ser científicos, todavia, possuem aliados a estes a subjetividade humana<sup>23</sup>, gerando uma tensão objetiva e subjetiva nas suas análises.

2.2 A transexualidade nas relações sociais e de poder na contemporaneidade: identidades sociais alienadas e fins lucrativos.

O pensamento acerca da construção da ideia de pertencimento de um indivíduo anatomicamente pertencente a um sexo e psiquicamente a outro, ao longo dos anos fora ganhando significativo interesse nas ramificações do conhecimento científico. Estudados pelos sexólogos, sociólogos, endocrinologistas e médicos do século XX, os transexuais ganharam uma cadeira específica dentro das disfunções psíquicas e sexuais, onde posteriormente desenvolveram a operação transgenitalizadora, redesignação sexual, a qual não entra como resposta aos desejos do transexual, tido como verdadeiro, mas como regulação da doença. Desta forma, o percurso da transexualidade, entendida por transexualismo, não altera-se muito dentro das clássicas ramificações científicas, em atenção especial aos psicanalistas e psiquiatras.

Stoller (1973) em seus estudos acerca da geração dos transexuais, condiciona-os a uma pesquisa, sendo nove indivíduos estudados e analisados, de classificação etária entre os cinco e quarenta anos de idade, tendo como resultados a apresentação de quatro condicionantes que conduziriam a estes indivíduos singularizados ao distúrbio do transexualismo.

Consequente, mediante apreensão dos sujeitos abordados, ele os classifica como transexuais primários ou secundários. Credo ser o fator originário da psicopatologia primária, ele descreve a necessidade de haver um específico contexto familiar: uma genitora bissexual, da ausência da figura paterna, tanto física quanto psicológica, a sociabilidade íntima entre mãe e filho e a beleza singular do menino. Desta forma, Stoller(1973) sinaliza que a formação da psique dos transexuais não difere-se muito da que gera o cisgênero:

---

<sup>23</sup>Tal subjetivação é promovida pela internalização da categoria simbólica que já está preestabelecida, por meio da linguagem, formulando no indivíduo a sua inconsciência e consciência, pela qual é possível o ser humano acessar os sentidos e percepções.

[...]o transexualismo não é uma psicose e a idéia de pertencer a outro sexo não é um delírio, mas algo como uma ilusão à qual a criança foi levada a acreditar. Stoller afirma que da mesma forma que uma pessoa do sexo masculino acredita que é homem, o transexual masculino acredita que é mulher. Os processos são iguais. Não são causados apenas pelo interjogo dinâmico de identificações e defesas, mas em primeiro lugar, são conseqüências de marcas deixadas por condicionamentos, numa época em que a criança ainda não possui um aparelho psíquico desenvolvido para usar defesas capazes de criar uma proteção contra as influências familiares. (STOLLER, 1973, p.220)

Dentro desta construção taxonômica, Stoller(1973) analisa casos de transexuais femininos, aquelas que compreendem-se enquanto mulheres, tendo a anatomia masculina como fator biológico, desde muito cedo comportando-se como mulher devido a construção psicossocial de sua sexualidade e repudiando ao seu órgão sexual, o pênis, que é posto como o centro de sua essência, pela mãe, gerando uma construção a versa na criança.

Adiante, Stoller(1973) sinaliza que a construção dos transexuais masculinos se dá de forma menos problemática e de forma mais complexa psicologicamente, tendo estes lapsos de prazer com seus órgão genitais e um intenso desejo sobre o falo que proporcionou-lhes este prazer, não apenas desejando tê-lo novamente, mas possuí-lo, como o pensamento de Beauvoir(1967) esclarece, o falo toma uma proporção tão devastadora no seio familiar que passa a gerir muitas das atividades.

Analisado estes quadros, como sendo transexuais verdadeiros, os indivíduos eram submetidos às cirurgias transgenitalizadoras, como regulação de seus comportamentos. Ademais, classificações como estas povoaram os anuários médicos, escritas sociológicas e outros meios de teorização, administrando como os transexuais eram gerados o que viriam a seguir em suas vidas, uma complexa máquina regulatória de expropriação de singularidade e formação social. Simultaneamente, a construção psicossocial da transexualidade segue linha paralela com a construção social do indivíduo, interagindo com a mesma e tensionando-se.

Como premissa básica, pensar as relações sociais, no espectro da sociabilidade humana, seja em qualquer período a que se refira, é tecer análise sobre os mecanismos de poder, das ideologias, que se validam pelos entes orgânicos dominantes, geradores de discursos, pertencentes a menor fração demográfica, detentora dos meios de produção. Logo, refletir a sociabilidade humana, é primar pelas bases de organização da sociedade, a política, a religião, a cultura, o social e, basilar, a organicidade econômica, as quais dão embasamento para sua manutenção.

Em crítica a despeito do fator econômico, Karl Marx(2005) afirmar ser a divisão social do trabalho um produto da propriedade privada, gestora das organizações humanas subsequentes e das desigualdades sociais – dentro do capitalismo, assumindo o papel de expressões sociais da Questão social. Desta forma, o degradê cronológico da sociabilidade humana presta-se, também, ao

entendimento das bases identitárias dos povos e seus indivíduos, sobrepujados pelo mecanismo regulatório de ordem dominante.

Em campos gestacionais, primazia a compreensão da identidade social, sendo esta importante ao trazer consigo a correlacionalidade das relações sociais e os mecanismos classificatórios, fundantes da exclusão social e/ou marginalidade humana. Compreender como a identidade é gerida e de que forma os mecanismos dinâmicos do acervo burguês os mantêm, clarifica a apreensão acerca da dicotomizada cissexualidade e transexualidade e suas tensões na hodierna conjuntura.

Ademais, a produção da identidade, seja ela coletiva, tribal ou individual, é fundamentada pela cultura, sendo os indivíduos bombardeados de informações, desde antes de sua concepção e no seu desenvolvimento posterior, gerando nestes indivíduos uma subjetividade, desta forma, a construção de suas identidades sociais, indissociáveis de uma indústria cultural massivamente ideológica e alienativa.

Inicialmente, Kathryn Woodward (2005) descreve a existência de uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa.[...] Assim, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. A luta para afirmar as diferentes identidades têm causas e consequências materiais[...] (WOODWARD, 2005, p. 3). A priori, ela caracteriza essa identidade como sendo relacional e histórica, explicitamente, para que haja uma caracterização específica de determinado grupo, se faz necessário coexistir outro grupo que lhes proporcione características distintas, podendo, somente assim, agrupar características específicas que lhes são socialmente atributos identitários. Outrossim, é neste agrupamento de especificidades que a verdadeira cultura<sup>24</sup> fomenta-se enquanto construção identitária, sendo ela a expressão de um povo, de suas necessidades e vivências.

Partindo desta premissa de relacionalidade e historicidade, a geração da identidade é mediado pela cultura e pelos mecanismos dispostos nela, administrados pela categoria discurso, simbologismos e outros fatores. Logo, tratar a cisgeneridade enquanto identidade de um grupo específico é trabalhar o seu suposto contrário, a transgeneridade. Há aqui, no entanto, a uma disfunção da identidade sociocultural, ao tanger a necessidade de uma aproximação dos indivíduos semelhantes e um conflito com os distintos, todavia, o que se tem por base é uma grande massa cis espalhada pelo mundo, enquanto existe uma minoria trans, também espalhada pelo globo e

---

<sup>24</sup> A verdadeira cultura é uma crítica a cultura de massa que se processa na hodiernidade capitalista, sendo-lhes características fundantes o pertencimento a uma comunidade, a identificação destes para com ela, a sua presença no dia-a-dia, fomentado pela adição de valores primários, ou seja, o amor pelo que se faz sem a adição da necessidade de lucratividade. Enquanto a cultura de massa difere por ser crido por um grupo específico e de forma alienativa difundida entra a população, de forma a sobrepujar a tida verdadeira cultura, monocromizando os pensamentos e valores, objetivando a obtenção de lucros, uma vez dominado os interesses coletivos.

escondida. Porém, esse dimorfismo de gênero e a disfunção identitária são gerenciados pela expansão do conhecimento religioso, do saber científico do final do século XVIII e fixado pela ascensão da revolução industrial, desembocando na chamada globalização, onde a identidade sofre impactos pela sua dispersão em todo o globo, gerando para além de grupos regionalizados uma apropriação cultural transnacionalizada, generalizando normas, condutas e específicos saberes.

O saber científico produzido nos séculos anteriores, acerca da transexualidade, e o saber empírico, gerenciado pelas experiências de vida, intergeracionais, e observações, como fator de apropriação de conhecimento, seja qual for seu vetor fundante, caracteriza inicialmente a identidade social das travestis, transgêneros e transexuais. Nesta perspectiva, a construção da subjetividade humana ganha proporções explicativas dentro do quadro de dominação capitalista e enfrentamento as bases discriminatórias de sexualidades desviantes na contemporaneidade.

A priori, a subjetivação humana se dá por pilares individuais, mesmo estando os indivíduos em uma coletividade, sobre as mesmas culturas, economias, políticas. Guattari (1992) explica esse fenômeno como sendo um processo singular de absorção em graus maiores e menores de potências dispostas no meio, adicionando a compreensão de Woodward, gerando as diferentes personalidade. Contudo, é no seio capitalista que nasce o que denomina-se de uma *subjetivação coletiva monótona*, ou seja, um dado período histórico mediado por dispositivos de poder, alienativo, consegue manipular a inconsciência humana, gerando novas subjetividades individuais quase padronizadas, movimentando o sistema e as relações sociais.

A esse respeito, convém, particularmente, situar a incidência concreta da subjetividade capitalística atualmente, subjetividade do equívoco generalizado, no contexto de desenvolvimento contínuo dos mass mídia, dos Equipamentos Coletivos, da revolução informática que parece chamada a recobrir com sua cinzenta monotonia os mínimos gestos, os últimos recantos de mistério do planeta (GUATTARI, 1992, p. 34-35).

Este empobrecimento da subjetivação humana gera também o empobrecimento da cultura e outros meios de enfrentamento às barbáries características do sistema capitalista. Ainda sobre a égide hegemônica, o capitalismo gera padrões de valores a serem internalizados e seguidos, a fim da manutenção de sua existência, da categoria trabalho e manipulação dos indivíduos, sendo os produtores e consumidores. O domínio subjetivo do trabalhador objetiva uma fórmula quase mágica de estratégia de produção e venda de bens, assegurado o conhecimento dos desejos, dos sentimentos, dos saberes.

A indústria cultural, conseguinte, em função da burguesia tradicional, prolifera uma visão desviante e desumanizada dos desviantes, no campo *capitalismo*, por meio das muitas mídias e meios de comunicação, que vão ganhando espaço em meio ao desenvolvimento das tecnologias.

Outrossim, os símbolos que se prestam no cotidiano vislumbram a performatividade de duas categorias binárias, dicotomizadas, masculino e feminino cisgênero, não possibilitando espaços organizacionais, a saber, dentro deste emaranhado de informações, sejam sociais, científicas, políticas, ideologias econômicas, empirismo, simbologismos sociais, gestantes da identidade de pessoas que não são subjetivadas pela autonomia humana, mas pela inferiorização e coisificação, difundida pelo meio e pelos mecanismos hegemônicos cisgêneros.

Ciente desta gestão acrítica, performatividade alienada e alienadora, Woodward(2005) e Amaral(2007), correlacionam seus estudos a cerca da identidade e a despeito dos conceitos de transexualidade, respectivamente, validando uma visão similar ao que é atribuída à mulher, em um discurso conta o machista, onde encontra-se ambas as minorias detentores do não falocentrismo hegemônico, fator condicionante da dominação masculina sobre os então menos capazes e desviados, alicerçados pela historicidade. Nesse introito, é válido conceituar identidade social como sendo o conjunto de características que apresentam um indivíduo, em suas diversas dimensões, uma dependente da outra, validando o discurso de sexo/gênero, na qual este expressa uma suposta classificação, “pressupõe e define por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis de gênero na cultura” (BUTLER, 2002, p. 28).

Compreendido a construção de subjetivação singular, por meio dos pensamentos de Guatarri, e da identidade coletiva monocromática, por meio de Guatarri e Woodward, dado o sistema capitalista, e a difusão dos valores cisgêneros e os meios para sua perpetuação, apreende-se o não pertencimento dos transexuais na sociedade, contudo encontrando-se nos anuários médicos e sobre acervos discriminantes de uma sexualidade ‘*não compreendida*’<sup>25</sup>. Simultaneamente, fica claro o papel alienativo das ideologias capitalísticas, tendo Hunty(2020) a explicação mais clara acerca deste fenômeno, na decodificação da realidade pelas teorias difundidas pelo meio.

Exegeticamente e de forma aludida, a suma apresentada na base do filme *Matrix(1999)*<sup>26</sup> deixa claro essa realidade: o cotidiano é a soma daquilo que o sistema quer que o indivíduo veja, são teorias e ideias categoricamente pensados, atribuindo e redimensionando valores, objetivando a dominação dos seus, e aqueles que encontram-se desviantes do sistema maior devem ser

<sup>25</sup>Estudos acerca da sexualidade e gênero são amplos e percorrem diversos ramos das ciências contemporâneas apontando para uma compreensão mais clara e lúcida acerca da transgeneridade e seus correlatos, levando a uma pergunta de valor espinhal dentro do corpo das relações humanas: São as teorias que não dão conta da apreensão dos diferentes ou as ideologias que impedem a difusão destes na sociedade? Singularmente, as ideologias dominantes versam a defesa intransigente de sua manutenção e portante, apresentam empecilhos para a elucidação das mentes alienadas, formuladoras do discurso discriminador e preconceituoso, anexando a valores arcaicos, como os apresentados como sagrados pelo cristianismo. Neste ínterim, cabe discutir como estes mecanismos dominantes conseguem crescer, além dos pensamentos científicos não difundidos na massa analfabeta funcional, a absorção de valores cristãos nesta massa demográfica, quando estudos apresentam que mesmo tendo-se apresentados e classificados enquanto cristãos a maioria descorda dos muitos valores presentes no livro sagrado.

<sup>26</sup>Filme Matrix, com a data de lançamento: 21 de maio de 1999 (Brasil) e com a direção: Lana Wachowski, Lilly Wachowski.

aniquilados ou entram em exílio. Assim, os transexuais, os quais não encontram-se em discordância com o meio, são levados a marginalidade, de forma nada inesperada. Todavia, é na visão integradora, de uma sociedade equalitária e igualitária que a premissa faz-se inovadora e mostra-se desafiadora: o que fazer para estes ingressarem neste meio, não abrindo mão de suas essências e como pensar o Estado frente a esta diversidade, tendo-se prestado a fins econômicos frente a população?

**CAPÍTULO III – O SERVIÇO SOCIAL EM DEFESA DA POPULAÇÃO TRANS:** laços com a teoria materialista dialética e outras concepções humanistas.

3.1 Dos métodos de pesquisa científica e das fontes de conhecimento rumo a apreensão da transexualidade na ótica social – uma análise estrutural da inserção dos transexuais na sociedade.

3.1.1 Metodologia científica e transexualidade: das teorias, intencionalidades, níveis, meios e técnicas.

A transexualidade em toda sua pavimentosa vestimentária cobre-se de copiosas camadas de conceitos e ações históricas e sociais, dando-lhes formas e permitindo ser vista em sua superficialidade, jamais desnudando-se para os leigos e aquêns do assunto. Há de ser mais preciso a nomenclatura caleidoscópica, um objeto de estudo que reflete tantas cores que se faz necessário uma lupa para ser desvelar as nuances mais dificultosas, assim, no estudo da transexualidade e sua locação no contexto de identidades e lugares sociais, a pesquisa científica, método, se faz inteiramente imprescindível para a apreensão da mesma.

Desde épocas remotas o conhecimento é companheiro da racionalidade humana, o ponto fulcral que o distingue dos demais animais, contudo, se é lícito afirmar a capacidade reduzida do ser humano em tomar algo em sua plenitude como verdadeiro usando-se apenas da observação. Antônio Carlos Gil, em seus escritos sobre Métodos e Técnicas de Pesquisa Social (6ª edição, 2008), afirma que o ser humano em sua racionalidade não aprimorada nas ciências, ver-se num mundo interpretado pela observação, pelo método mais simples de se adquirir conhecimento, todavia, a sua capacidade visual é ofuscada por fenômenos além de suas conclusões supérfluas, deduzindo assim, segundo o autor supramencionado:

[...] Alegam que a observação casual dos fatos conduz a graves equívocos, visto serem os homens maus observadores dos fenômenos mais simples. As religiões são as mais variadas e fornecem informações contraditórias. A poesia é subjetiva, assim como o romance. Pais, professores e políticos também não podem ser tidos como guias de toda confiança, posto que o argumento da autoridade na maioria das vezes acaba por deixar transparecer sua fragilidade. O conhecimento filosófico, a despeito de seus inegáveis méritos, não raro avança para o terreno das explicações metafísica e absolutistas, que não possibilitam sua adequada verificação. (GIL, 2008, p.2)

Desta forma, Gil (2008) desvelada a necessidade do além do visual, os homens de valores racionais mais críticos, debruçaram-se em formas mais copiosas de interpelar e interpretar o dado

objeto de estudo, nascendo assim a ciência, em suas metodologias e inquietações. Observado dado primário, de concepção dos métodos científicos de pesquisa, assegurando conhecimento verossímil, faz-se necessário, neste ínterim, a conceituação mais prática do valor em questão, do objeto, da pesquisa e do método científico.

Simploriamente, o objeto é caracterizado pelo desejo de apreensão de dada inquietação, a saber em análise, a transexualidade em suas vertentes sociais, lugar e identidade social. Consequente, a pesquisa é o meio pela qual se busca essas respostas, nutrido de seu valor sistemático e de caráter humano cognoscitivo, desta forma, permitindo respostas a inquietação original, e por fim, os métodos científicos é o processo que administra a pesquisa, valendo-se de um conjunto de regras e etapas de análises, fragmentando-se em ramificações que se unem ao final para se obter um valor minimamente desejado a princípio, a resposta ao objeto de estudo. Aludindo-se ao organismo humano, de forma rasa e sem preceitos científicos, o corpo seria o objeto de estudo, o dado a conhecer-se, enquanto o cérebro seria o vetor de pesquisa, aquele que interfere cognoscivelmente no espaço a fim de respostas, contudo faz-se necessário ao sistema nervoso para obter sucesso em sua investida, desta forma, este último, mas não menos importante na cadeia descrita, representaria os métodos científicos.

Exegeticamente, o método científico de obtenção de valores verdadeiros se expendem por diferentes espaços e em diferentes contextos, permitindo aos adeptos a variedade tipológica de captação de dados e suas conseguintes interpretações. Para que um conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar as operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação(GIL, 2008, p.8), ou seja, de acordo com o autor em questão a transformação de um dado obtido só nomina-se científico quando se é visível a técnica que fora utilizada, podendo ser refeita n outras vezes por n outros estudiosos a se obter o mesmo valor, a veracidade do fato é que determina a sua cientificidade.

No referente estudo monográfico, dos(as) transexuais demarcados pela história da sociedade e suas ramificadas organizações, o método científico fora deveras crucial, ao par de conhecer a fundo os velamentos postos e sobrepostos e estratos mais obscurecidos e desconhecidos. A priore, o assunto em questão não se vê em todas as bancas de livros para se comprar ou mesmo em toda a biblioteca municipal, assim, complicando a obtenção de dados iniciais para a aproximação do estudioso a seu objeto de estudo.

Consecutivamente, a fim de não tecer mais nivelamentos sobre os transexuais e agravar seu contexto hodierno, visando antes o laçar luz sobre o assunto, utilizara-se o método de pesquisa bibliográfico, objetivando o emergir dos dados a serem analisados. Desta maneira, de acordo com Gil(2008) este processo de resgate de dados, não comuns no ambiente e aos estudiosos, é

caracterizado pelo método bibliográfico, desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos(GIL, 2008, p. 50). Mas, para além desta coleta de dados, faz-se necessário a apresentação da lógica de investigação e do meio técnico desta, respaldados pela teoria.

Aqui posta, a teoria materialista histórica dialética, elaborado por Karl Marx e Frederich Engels(1974) a qual em definição severamente simplória é caracterizado pela compreensão da realidade por meio das estruturas materiais que sobrepõem-se ao campo da ideia, ou seja, a produção material é geradora de uma superestrutura jurídica e política, segundo Gil(2008) o que administra o campo das ideias. A este ver, ademais, a dialética expressa pela mesma é entendida pela constância das mudanças na conjuntura, movimentadas pelo arcabouço dos opostos, logo a concepção teórica de existência de opostos em todo objeto e fenômeno, o bem e o mal, o quente e o frio, o bom e o mal, o transgênero e o cisgênero, a exemplos.

Outrossim, a negação faz parte deste movimento maior teórico, a medida que a dialética se manifesta em dado objeto de estudo, este apresenta-se de forma diferente pelo tempo, ou seja, o objeto atual nega o anterior, mas, se o anterior é falso, o seguinte é dedutivamente farsesco, mas a medida que este é diferente, não se toma como falso, mas passivo de solução e interpretação. Consequente, Marx e Engels(1974) movidos pela teoria de análise da realidade, caracterizam também uma lógica de investigação científica, a dialética, fundamentada pela necessidade de apreender a totalidade, para que as partes sejam passivas de compreensão, movidas pela constante luta dos opostos. Ou seja, a medida deve ser capaz de apreender que a conjuntura é produto de contradições, que essas contradições são sócio-históricas, que estes processos ancestrais podem ser resultados de outros anteriores e que o passo temporal é responsável também pelo vetor de transformação, impelindo nos produtos seus caráteres social e histórico, e sua totalidade gestada pela ontologia.

A este ponto, em trabalho corrido, a transexualidade fora apreendida nos diferentes pontos da história, percorrido a ancestralidade mais antiga, das formações dos primeiros povoados a hodiernidade, e para que houvesse esse trabalho de análise sobre a visão teórica da dialética e da lógica de investigação que leva o mesmo nome, fora crucial a pesquisa bibliográfica, como coleta de dados. Utilizando-se da exploração em diferentes meios de expressão de conhecimento, a saber sites, revistas, livros, monografias, teses e filmes, a fim de obter bases racionais para a interpelação a dada conjuntura atual de indigência social dos(as) transexuais.

Neste introito, o meio técnico de investigação perpassou por diferentes métodos, do comparativo, segundo Gil(2008):

Sua ampla utilização nas ciências sociais deve-se ao fato de possibilitar o estudo comparativo de grandes grupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo. Assim é que podem ser realizados estudos comparando diferentes culturas ou sistemas políticos. Podem também ser efetivadas pesquisas envolvendo padrões de comportamento familiar ou religioso de épocas diferentes.(GIL, 2008, p.16-17)

Ou seja, o método comparativo assegurou a geração de crítica por meio das diferentes culturas, épocas, organizações políticas, de saberes, morais e éticas, capacitando o levantamento de apreensões de conhecimentos distintos, porém, verossímeis e complementares. Ao trazer a pailerastia como cultura, época e espaço, distinto do que se gesta atualmente no ensino educacional democrático brasileiro, em suas vertentes mais fria de expressões da questão social, vislumbra-se dois grupos distintos de transexuais, aqueles que podiam ter possibilidade de futuro frente ao conhecimento adquirido pelos mentores legítimos socialmente e os que atualmente são forçados a abandonarem os estudos por questões de segurança de vida.

Ademais, foram utilizados meios técnicos de metodologia estatística, a fim de analisar gráficos da expressão de violência contra a pessoa trans, no seguinte tópico da monografia. Outrossim, o meio técnico monográfico, a saber por Gil(2008) aquele responsável pela apreensão doutras situações mediante estudo exegético de um caso, e em supracita questão de transexualidade, onde envolveu-se o estudo dos conceitos e críticas de trabalho, ideologias, mecanismos de poder, organização democrática, cidadania e direitos humanos, transcendente ao conceito de transexualidade, mas transversal na conjuntura a que se loca.

A pesquisa social é fragmentada em diferentes camadas, a fim de se alcançar de forma voraz o conhecimento verossímil pretendido, para isso, também deve ser analisado a finalidade do mesmo. Tal processo inquirido é fruto finalístico de pesquisa aplicada, a qual segundo Gil(2008) difere da puramente inclinada ao saber, a pesquisa pura, movida pela ânsia de aprimoramento intelectual e científico. Sua preocupação está menos voltada para o desenvolvimento de teorias de valor universal que para a aplicação imediata numa realidade circunstancial(GIL, 2008, p.27), apesar de apresentar-se mais simplista, nesta monografia, na apreensão da realidade trans a fim de desnudar a visão da sociedade leiga e comunidade científica especializada noutros ramos de saberes, não fundamentando uma teoria, mas clareando, segundo Hunty(2020) o olhar das pessoas sobre um algo estudado, os(as) transsexuais.

Consecutivamente, a literalidade dada a pesquisa em seus níveis de ações pretendidas e objetivos específicos foram alcançados por meio da conjunção de dois diferentes tipos de pesquisa, porém, complementares. Inicialmente, a pesquisa exploratória de maior caracterização neste estudo, fora utilizada pela sua característica prima, de desnudar a realidade e objetivar a mudança de

pensamento, segundo Gil(2008) sua materialização dar-se por meio de levantamento bibliográfico, supracitado anteriormente, e levantamento documental, o qual também fora utilizado, a saber no seguinte tópico. Outrossim, este tipo de pesquisa é útil ao aproximar o estudioso de um dado objeto de pesquisa desconhecido, permitindo a familiarização e interpretação.

Em segunda instância, de forma corroborativa, a pesquisa descritiva segundo Gil têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis[...] Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. Desta forma, ao assegurar a coleta de dados por meio do levantamento bibliográfico e documental, fora possível assegurar a análise das origens dos correlatos problemas e variáveis, expressões da questão social e aquéns deste, ainda mais antigos que o próprio sistema capitalista de produção material e imaterial da vida humana atual, num sistema usualmente denominado de ontologia, a busca das origens dos fenômenos na história e suas relações sociais.

### 3.1.2 Análise estrutural da inserção dos transexuais na sociedade.

Em tempos de crise a humanidade reinventa-se, transformando as suas práticas, hábitos e valores, assumindo posturas mais rígidas com o diferente ou agregando-os e acolhendo-os mais solidamente em seu seio, no berço esplêndido, quando em referência a sociedade brasileira. Contudo, pilares básicos da cidadania, expressos por Souza(1996), sendo a igualdade, a liberdade, a solidariedade, a diversidade e a participação, acabaram por se perderem em meio as crises, catástrofes, disputas e acirrada competitividade que se faz necessário, quase como essencial, no modelo capitalista que gesta as organizações humanas em praticamente todo o mundo e suas relações sociais.

Refugiados, fugindo das guerras que se processam em suas terras natais; igualmente os indígenas, aquém de suas construções culturais e espaços geográficos, as quais veem-se perdendo com as investidas da pós-modernidade; ou mesmo os movimentos minoritários de sexualidade e gênero, de forma semelhante, lutando pela igualdade; são exemplos de como a sociedade comporta-se de modos diferentes aos que apresentam dificuldades. Para tal, leva-se em consideração a história de vida, de luta, das ideologias que vigoram no período, das lideranças, do fator econômico e político.

Refugiados de guerras aumentam seus números a cada dia em países estrangeiros, tendo as nações muitas vezes abraçado-os e outras repellido-os, gerindo meios de forçá-los a sair ou, se

possível, nem ao menos entrar nas nações, variando de conduta de acordo com a federação a que se pretende estudar, a conjuntura a qual se analisa.

Não diferente, mas de forma similar, a população T, integrada pelas travestis, intersexuais, transexuais e demais outros não pertencentes a categoria binária tradicional, vem sofrendo o que pode-se chamar de efeito discriminatório institucional, que é caracterizado, ao longo dos últimos anos, como a negação do direito de se ter direito, como forma de resposta a dada situação crítica de revisar conceitos dados há muito como sólidos e imutáveis, desafiando instituições e tabus.

O transexual, aquém das organizações de direitos, saúde, segurança e educação, afastadas de seus seios familiares, acometidos pela ignorância e discriminação, ocupando um não lugar social e limitados em identidade social e papel social, subjetivação, a não autonomia humana igualitária, é uma categoria que grita não somente a democracia com a sua fidedigna cidadania utópica, mas a todas as formas de organizações políticas, as quais ignoram a sua existência, alimentando-os a migalhas.

A organicidade humana coletiva é administrada pelas muitas dimensões, sendo a educação, a segurança e a saúde, as suas principais representações, alicerçando as maiores reivindicações da população civil, fontes fundamentais de crescimento nacional, expressas no Índice de Desenvolvimento Humano, IDH, e bem-estar social, estado preconizado pelo Direito constitucional. Quando em ausência da possibilidade de políticas públicas efetivas e transformadoras das realidades sociais, pilar obscuro do Estado mínimo neoliberal<sup>27</sup>, o cidadão é forçado a buscar no trabalho a melhoria de vida, contudo, é neste espaço de sociabilidade que se aprisiona o homem.

Ideologias, mecanização, flexibilidade e outras formas de minimizar o tempo de produção e aumentar a lucratividade são pormenores que unidos fazem do homem não mais o controlador dos meios, mas o controlado. Impossibilitado em sua posição social, de subserviência, de exercer pressão na minoria dominante, individualizado em sua classe gigantesca e esmagadora, o trabalhador ver-se submetido aos mínimos para a manutenção de sua prole e sobrevivência.

Sobre este contexto macro, de alienação do trabalhador, de expropriação de mão-de-obra, refletindo nas inúmeras identidades e papéis sociais, o transexual é execrado pela construção histórica. Vitimizado pela família, pelas organizações prestadoras de direitos, alienado pelas mídias

---

<sup>27</sup> O Estado passara por reformas estruturais na década de 1990, assegurando-lhes o ingresso definitivo no universo capitalista internacional, Contudo, não apenas acordado em declarações internacionais e reuniões legais, o Estado passara a ser regulamentado por normas que o adequaria ao padrão exigido pelo mercado, dentre estes, sobre a ideologia do capital e o novo liberalismo, o desemprego, a flexibilização e o Estado mínimo, são pilares cabais. Exegeticamente, mediante o Estado mínimo, o mercado passa a controlar as massas de empregados e desempregados, sendo estes obrigados a submeter-se aos rigorosos objetivos e anseios capitalistas, mantendo a sua sobrevivência a custos subumanos, expropriados mais ferozmente, em detrimento de políticas públicas escassas, não suficientes e depreciativas da própria dignidade humana, gerando no país uma massa de precariados, em vez de trabalhadores emancipados, segundo Alves(2010).

sociais, pela indústria cultural, a população T perde a possibilidade de competitividade no bárbaro mundo do trabalho, ou seja, impossibilitado de ser expropriado para sua própria manutenção. Moura(2015), em debate acerca da discriminação, explana conceitos trabalhados por Renault(2010) e Rios(2010), afirmando:

[...]a discriminação, qualquer que seja a sua natureza, deve ser repudiada, inclusive e, principalmente, aquela que ocorre nas relações de trabalho, visto que constitui uma das maiores violências contra a dignidade da pessoa humana, pois priva a vítima de direitos básicos, criando dificuldades para a melhoria de sua condição de vida, resultando em desigualdade social, que se caracteriza por ameaça permanente à existência. Ela cerceia a experiência, a mobilidade, a vontade e impõe diferentes formas de humilhação. Essa depauperação permanente produz intenso sofrimento e tristeza que se cristalizam em um estado de paixão crônica na vida cotidiana, que se reproduz no corpo memorioso de geração a geração. (MOURA, 2015, p. 78,)

Revedo conceitos supracitados, o *lugar* o qual o transexual é locado denomina-se exclusão social, mas caracterizado como processo que mesmo lugar, sendo o *marginal* fora da população marginalizada. Invisível aos olhos dos que são invisíveis a sociedade, a massa minoritária a quem se destina o resto das migalhas distribuídas pelo governo democrático brasileiro, empossado de toda sua riqueza, conhecimento e cidadania. Sobre argumentos freirianos, a estratégia capitalista avança sobre a ignorância do povo, fruto do não processo de democratização do conhecimento, não oportunizando as massas de autonomia e emancipação intelectual, quiça a margem das massas alheias.

Outrora Marx(2005) escrevia a respeito da união da classe trabalhadora como sendo único meio para sobrevivência, sendo os mesmos a própria expressão da soberania, argumentos políticos ensaiando o socialismo<sup>28</sup>, hoje visualiza-se a não materialização deste anseio, apresentando uma classe fragmentada e cega, aquém da realidade. Esta realidade dar-se mediante expansão dos dispositivos, segundo Foucault, caracterizados por serem “formados por um conjunto de práticas discursivas e não discursivas que possuem uma função estratégica de dominação. O poder disciplinar obtém sua eficácia entre os discursos teóricos e as práticas reguladoras” (FOUCAULT,

---

<sup>28</sup> Marx em sua empreitada rumo a interpretação da sociedade e suas relações sociais, nascidas pela necessidade econômica e de poder, berço na propriedade privada, compreende que passamos por um momento de evolução, sendo o capitalismo apenas uma das etapas a se alcançar o bem comum, desembocando no vindouro comunismo. Contudo, autores contemporâneos, veem o fim nessa etapa, a queda do homem pelo homem, na vigente necessidade mercantil de dominar e acumular bens materiais, conduzindo-o ao patamar de animal irracional de tamanha racionalidade que alcançaram. Contrapondo argumentos Hobbesianos(1651), do Estado ser necessário ao controle do homem selvagem por natureza, Rousseau traz a ideia do homem corromper-se em meio a sociedade, pelo Estado, que ele mesmo construíra, relegando a dimensão humanitária ao cárcere e trazendo a tona a barbárie. Independente da visão que encontra-se correta, ver-se em tempos atuais uma luta e busca desenfreada pelo poder, sendo o homem corrupto e corruptor dos mesmos.

1995, p. 244). É nesta categoria que repousa a ideia de dispositivo de transexualidade, sendo o conjunto de saberes e práticas regulatórias dos transexuais.

Adiante, o ingresso para inserção na sociedade, qualquer que seja a Federação capitalista, se dá e mantêm-se pelo trabalho, mecanismo regulatório das relações sociais, corroborador direto a outros fatores atropicos, mídias a exemplo, caracterizado pela transformação da natureza e simultaneamente modificando ao próprio homem. Ainda segundo Moura, refletindo os preceitos do Marxismo:

[...]o trabalho em sua dimensão ontológica, enquanto elemento vital na formação do homem como ser social, é um componente vital na formação da identidade do homem, do ser histórico, do sujeito social. Tanto é assim que não ter trabalho relega o indivíduo a um lugar de não pertencimento e, conseqüentemente, de inutilidade no interior da comunidade produtiva e, portanto, da sociedade. (MOURA, 2015, p. 79)

Em primeiro lugar, a categoria trabalho evoluiu, não apenas transformando o meio, mas apresentando segmentos novos como os de serviços e lazer, impulsionado pelas demandas do mercado e como formas de driblar as crises do próprio sistema. Ciente deste fato, de ingresso comprado a preço de seu no mercado de trabalho, categorizador de classes e manipulador de identidades sociais, detentora da indústria cultural, onde encontra-se o Estado, provedor de sobrevivência aos que não conseguem por si sós sobreviver? E neste percurso reflexivo, como pensar a transexualidade marginalizada pelo mercado, aquém do Estado e perseguida pela classe heteronormativa transfóbico?

Conseqüente, dividida em setores econômicos, o estado capitalista fragmenta-se em três esferas de produção e poder, o Estado, primeiro setor, com suas organizações e instituições; o mercado, constituído pelas empresas privadas sendo o segundo setor; e, o terceiro setor, representado pela sociedade civil organizada, tendo nas Organizações da Sociedade Civil, Osc, suas maiores representações. Aqui, em sentido crítico, sobre o vetor da população T, tem-se um Estado com mínimos sociais aos transexuais, estruturado sobre a noção neoliberalista, um mercado que discrimina, empossado de seus valores e objetivos neoliberais, e um terceiro setor a margem do desconhecimento, amedrontado com a possibilidade de inserção destes, refletindo sólidos aparelhos de dominação neoliberais.

Desta forma, não detentores de um lugar social legalmente constituído, de identidade social não autônoma, expelidos de serem seres históricos e sujeitos sociais mediante a categoria trabalho, coube aos transexuais a aceitação destes vetores, transformando a realidade da marginalidade em oportunidades subumanas de sobrevivência. Expostos a infecções sexualmente transmissíveis, IST,

implantes industriais e seus correlatos problemas de saúde vindouros e até mesmo a morte, no trans-homicídio, quando obrigadas a vender seus corpos tarjados e etiquetados de produtos descartáveis<sup>29</sup>.

O Brasil vive o triste cotidiano de ser o primeiro no mundo em trans-homicídios, em mortes hediondas e bárbaras, com requintes de toda a crueldade aquecidos pelo desconhecimento e conceitos deturpados de poderes e poderosos agentes sociais, sendo a religião, em espécie o cristianismo, um dos maiores aparelhos ideológicos, a serviços de um bem que mais causa mal que vida. Não limitando-se apenas as massas marginalizadas, de minorias sexuais, mas a um contexto mais micro-orgânico, as mulheres, os negros, pessoas com fenótipos diferentes, características endógenas de uma determinada população, sendo apenas necessários um pormenor alheio a classe branca heteronormativa e rica, de poderes questionáveis, a possível laceração de uma população.

São igrejas ricas com devotos pobres, mais transformados em zumbis ideológicos, missionados de espalharem uma *droga* alienativa, desinteressada da própria vida, aniquilando aos que não se curvam a coroa cristã, e assim se foram muitos indígenas, ciganos, candomblecistas e umbandistas, durante anos de cristianismo evangelista ferrenho no Brasil e no mundo. A era de imperialismo religioso não chegara ao fim, ganhando novos formatos e interagindo de formas diferentes na contemporaneidade e no capitalismo, renomeando-se pelos estudiosos de neocatequismo. Missões a lugares distantes geograficamente, encurtaram-se ao passo das novas tecnologias, de comunicação de massa, abrindo maiores meios de alcance e devastação do diferente, rompendo culturas e impondo normas.

Os mecanismos de dominação, dispositivos de poder, agem de forma silenciosa, perpetuando-se nos aparelhos ideológicos, a serviço do bem maior, a vigência do capitalismo, o qual assegura a classe burguesa a sua hegemonia e manipulação do mundo. Não assumindo um caráter fatalista a classe trabalhadora, a maior matéria-prima dos dominantes, assegurada sua perpetuação, devido ao dismorfismo social criado e necessário aos mesmos, a classe dominante domina a população pela população. É nos meios de comunicação, nas aulas corriqueiras de ensino público fundamental, nas músicas de massas que a ideologia dominante condiciona o sujeito social a uma visão superficial dos fatos, mecanizando-os, passando a uma subjetificação capitalista, ao par que tudo aquilo que não proporciona significativo lucro é relegado a margem.

Mergulhando mais fundo nesse masso colossal capitalista, as identidades próprias, os pensamentos emancipatórios, a ânsia pela participação, a própria democracia, cidadania e ideologias

---

<sup>29</sup> A marginalidade a que se destina os transexuais não difere muito da marginalidade sobrepujada as demais minorias que veem na prostituição a captação de lucratividade para a manutenção de suas vidas — mas o tocante categoria de trabalho, é uma margem dentro da margem trabalhadora, não sendo dignificada pelas práticas exercidas devido a construção histórica e dispositivos religiosos. Contudo, próprio do trato aos transexuais, naturalizada pela massa cega da sociedade, aquém de muitos saberes emancipatórios, os transexuais representam um grupo de risco, expostos diariamente a morte.

semelhantes vão sendo redesenhadas, rediscutidas e sobrepujadas, entrando em exílio, extinção e sufocamento social. O mal que ganha personificação pelo advento capitalista não está preocupado com a massa e sim com o que esta pode lhes oferecer, manipulando-os com as categorias lazer, cultura, políticas sociais e diversos outros meios que põe cabrestos nos cidadãos, assemelha-se a dar petiscos aos cães no momento em que se adentra. Ainda mais eficaz que o voto de cabresto, período histórico das aristocracias brasileiras, o capitalismo mantém-se, segundo Marx(2002), sobre mãos invisíveis.

Não ausente e detentora de sua parcela de culpa, o Estado, em todo seu poder de dominação, como expressa Hobbes, e controle social, não sendo este o expresso pela CF-88<sup>30</sup>, cede lugar a educação não emancipatória e de não apoderamento das minorias, maior população dependente deste para a manutenção da vida. Como fruto do embate da produção, acumulação e manutenção de riquezas e das necessidades das minorias trabalhadoras, fragmentada e alienada, gestasse um massacre humano interminável, quando em restritos casos, muitos conseguem as chamadas políticas públicas. É válido pensar que a medida das políticas públicas não são as mesmas medidas do sangue escoado de vidas dos trabalhadores, em todo o mundo e no Brasil, não deixando de elucidar a máxima do empobrecimento<sup>31</sup> da classe dominada.

Validada pela legalidade social coletiva, a política, administradora da sociedade, é a dimensão prestadora de gerir políticas públicas, planos, programas e projetos, a nível federal, estadual, Distrito federal e municipal, sendo a maior capacitada para, corroborar e impulsionar com as demais dimensões, a fim de emancipar a sua população, enriquecê-la culturalmente, curá-la a base da saúde científica e afins. Basilar dos mecanismos dispostos sobre o mesmo, sejam governamentais ou não, o Estado e suas políticas é o maior ente de uma nação e por ele vem a possibilidade de emancipação em massa dos sujeitos sociais e históricos.

### 3.2 Das religiões, da Democracia e das Políticas públicas: uma análise da possibilidade fragilizada de inserção da população Trans na sociedade Brasileira.

Como um grito de guerra, “a vida dos negros importam”, um “eu não consigo respirar” ou mesmo “abaixo ao fim do racismo”, são os gritos proferidos em centenas de manifestações antirracismo nos Estados Unidos, epicentro das reivindicações, e em outros países de todo o mundo,

---

<sup>30</sup> O Controle social expresso e legalmente constituído pela Constituição Federal do Brasil, de 1988, é caracterizado pelas organizações de conferências, em sua maior instância, vigorando o controle estatal por meio da classe civil.

<sup>31</sup> O novo empobrecimento da classe trabalhadora não é visto tão apenas pela ausência da riqueza material, dinheiro, mas também pela negação dos direitos básicos, pelo Estado e pelo mercado de trabalho, expressos como o não acesso à moradia digna, ao conhecimento e a informação, direitos constitucionais, aos novos meios de comunicação, e assim por diante.

tendo todos os continentes de olho neste levante civil pacífico, em sua grande parte, a favor da vida dos negros e afrodescendentes, igualdando-os a vida dos demais outros cidadãos estadunidenses. Uma manifestação plural, de um belo caleidoscópio de etnias, faixas etárias, religiões e condições materiais, na defesa pelos direitos de participação na sociedade tida branca no país, de possibilidades frente a igualdade de acesso a bens e serviços, de andar pelas ruas e não sofrer com o racismo estrutural ou outros ataques de cunho étnico.

Contudo, mesmo em uma condição sanitária comprometida pela pandemia do Coronavírus 19, não se vê beleza neste tipo de manifestação, ver-se sangue demais e uma população insatisfeita contra o Estado, de um país levado pelas massas minoritárias há muitos anos. A morte de Jorge Floyd<sup>32</sup> fora brutal e desumana, não sendo a causa central, mas a gota d'água. E com tudo isso, desejasse vigorosamente uma vitória aos manifestantes, de uma solução democrática e cidadã vinda do Estado a fim de minimizar, quando não extinguir com estes grotescos crimes e ações de discriminação. Mede-se aqui, como forma de análise comparativa, quase esdruxula e com fontes não comprováveis, devida a inexistência de números sólidos, de uma massa a favor de direitos de uma tida minoria, mas em que momento se mede uma massa demográfica em favor da minoria Trans? Teriam estes o mesmo poder de conscientização da população a fim de corroborar com estes, ou mesmo tendo essa conscientização, onde está a população civil que não move-se em defesa dos direitos dos outros?

A pátria amada não resplandece tanto amor quando deseja seu hino, mas estudos sociais e noticiários locais, regionais, estaduais e federais, revelam um estado caótico de miserabilidades infinitas e crimes hediondos e quando em função de uma análise trans, ver-se necessário colocar no debate os números de trans-homicídio, de tentativas de assassinatos, de suicídios, expondo os podres do berço esplêndido em ser o maior homicida de pessoas trans no mundo. A quem se destina o berço esplêndido desta nação violenta? Não contente com o status quo de homicida e violentador de direitos, não somente trans, mas humanos, presta-se ao papel de mentiroso e manipulador de fatos, quando em ação informativa, de suposto cunho democrático, repassa a população a sua descrição humanizada, de ser um país que não tem racismo, homofobia, transfobia, mas sim, como expressam os adoradores de um estado governamental fascista, *um bando de mimizentos que não tem nada para fazer ou mesmo o Estado deveria preocupar-se com fatos, como com os cidadãos de bem. Cidadãos de bem* viriam a ser quem no atual Estado que se mantêm no poder da Federação

---

<sup>32</sup>É crescente a procura pelo nome de Jorge Floyd nos meios de vinculação de informações e notícias nos dias recentes, Junho de 2020, dado o fato que condicionou a sua morte. Policiais não negros, abordaram ao ex-segurança e com violência conduziram a ação, levando-o ao chão, conseguindo tendo corpos pesados sobre seu pescoço e corpo, a favor de sua imobilização, o qual não suportando o peso houvera morrido a caminho do hospital.

Brasileira? O hino que resplandece a beleza da nação já não mais revela a beleza que de fato apresentasse no cotidiano da população.

Outrora, os panos branco cobriam as manchas de sangue sobre as camadas de baixo, mas atualmente o sangue é tanto que já não a mais lençóis limpos para se velar a caótica realidade brasileira. Não fugindo do rumo central do discurso aqui proposto, este capítulo vale-se exclusivamente do dossiê apresentado pelas Organizações da sociedade civil, a fim de expor os verdadeiros números, mesmo que muito abaixo, e rever conceitos, e a necessidade de soluções imediatas para uma população que não sabe do dia e amanhã. Irônico é o status do Brasil, selecionar os mais lesionados de um grupo macro onde todos são lesionados e correm riscos eminentes de perda da vida<sup>33</sup>, como selecioná-los? Qual é as condicionalidades para viver nesta nação?

Tomando como fonte fundamental, o Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais no Brasil, do ano de 2018, organizado pela ANTRA<sup>34</sup> e pelo IBTE<sup>35</sup>, vem como uma resposta material e teórico a não resposta do Estado frente aos inúmeros homicídios violentos que se processam em todo o país contra pessoas não hétero-cis-normativas, em atenção principal as travestis e pessoas trans. Benevides e Nogueira (2018) organizadores do Dossiê, trazem em poucas laudas a atual configuração que cerca a vida deste segmento populacional, afirmando que os números ali postos são relativamente maiores, devido os números absolutos haverem sido coletados pelas mídias e meios de comunicação, contudo, nem todo caso é noticiado, existem o que chamam de subnotificação.

Embrionalmente, ao tecerem a caracterização do segmento trans brasileiro, as autoras expressas o perfil mais pífio e de caráter degradante do ser humano, vive em condições de miséria e exclusão social, sem acesso à educação, saúde, qualificação profissional, oportunidade de inclusão no mercado de trabalho formal e políticas públicas que considerem suas demandas específicas (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2018, p. 4). Revelando que dados outrora apresentados pelo artigo que se procede não se apodera da vertente extremista de maximização de fatos e de caráter sensacionista a se alcançar um destino desejado com uma visão farsesca. Na realidade, os fatos apresentados pelas ativistas expressam aquilo que se gestara a anos no país, uma camada populacional que vem sendo marginalizada e excluída do universo democrático, sobre fortes ameaças de violência e morte, por parte dos próprios cidadãos que os cercam.

---

<sup>33</sup>O Brasil vive a lastimosa condição de perder dezenas de milhares de cidadãos pelo Coronavírus que se espalhou pelo globo, mas acometido desde muito pelas atrocidades. A nação apresenta índices elevados de violência contra a mulher, nas chamadas crimes domésticos e feminicídios; o genocídio da população indígena chega ao fim, porque já não há mais tantos para fazerem uma força contra os maiorais; o genocídio da população LGBTIA+ anda longe de se ter fim, apresentando índices elevados anualmente; e não falando a discriminação estrutural, dos que são negros, favelados, analfabetos, mortos diariamente pelas investidas policiais objetivando a ordem e a paz.

<sup>34</sup>Associação Nacional de Travestis e Trans.

<sup>35</sup>Instituto Brasileiro Trans de Educação.

Antes de prosseguir a discussão, faz-se necessário desenhar um perfil da população agressora como sendo os cidadãos que procuram por direitos, mas que não exercem seus deveres. A medida que a cidadania liberal brasileira avança, os cidadãos creem mais fielmente que existe uma soberania dos direitos frente a uma opcionalidade de deveres, não sendo uma ação constitucional, e sim uma solidificação fantasma de uma questão não firmada com os mesmos, de ausência de uma educação governamental que defina os limites do ser cidadão e suas obrigações para com os seus iguais. Vieira traz a luz um conceito muito claro sobre o ser cidadão liberal, a relação entre direitos e obrigações é essencialmente contratual, trazendo em si uma forte carga de reciprocidade: a cada direito corresponde em geral uma obrigação” (VIEIRA, 2001, p. 37-38), desmontando este mito farsesco de soberania do direito, uma vez que ser cidadão não é meramente a corte do direito a se ter direitos.

Prosseguindo, a despeito nas taxas de morticidade postas sobre os corpos trans, o número, de acordo com o Dossiê, entregue a organizações voltadas a defesa dos direitos humanos nacionais e internacionais, chegam a 41% de todos os assassinatos cometidos em todos o globo, concentrado em terras brasileiras. Em 2018, o Brasil alcança o *notável* patamar de primeiro no Ranking de assassinatos de travestis e transexuais no mundo inteiro, sendo quase o responsável pela metade de todas as mortes. Contudo, fala-se em mais mortes, se considerados as subnotificações, levando-se a pensar em duas correntes de visão, não dicotômicas, mas complementares.

A primeira visão tange a necessidade de um programa nacional voltado a coleta destes dados, uma vez que a vida do cidadão brasileiro não deve ser deixado de lado, como quem não tem seu valor, uma vez que o valor humano concentra-se essencialmente no ser humano. Ou mesmo, como os próprios ativistas colocam em março de 2018, a ANTRA oficiou a Defensoria Pública da União (DPU), a fim de que esta se manifeste e acione o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para incluir no próximo censo, previsto para 2020, as questões demográficas da população LGBTI e especialmente Trans, e está sendo movida uma ação neste sentido (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2018, p. 7).

A segunda visão, dentro dos parâmetros do Serviço Social e do próprio Direito, de forma complementar e subsequente a primeira, a necessidade de apresentação de informações/dados como forma de pressão para elaboração de políticas públicas de caráter urgente, não podendo ser postergado por mais anos ou meses, validado pelo desfecho infeliz de acréscimo de inúmeras outras mortes. Contudo, o Estado mostra-se distante, segundo Benevides e Nogueira:

Com este mapeamento pretende-se denunciar a omissão do Estado frente a estes mesmos dados, quando este não faz um levantamento efetivo destes assassinatos, ignorando os índices alarmantes, e a própria violência com as quais os crimes acontecem. O Estado

brasileiro, ignora ainda as pesquisas e denúncias feitas pelas instituições que lutam pelos direitos humanos e da população LGBTI; e não promove ações de combate a violência praticada contra esta população. (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2018, p. 9)

A vida negligenciada pelo Estado entra como crime de caráter social, e pergunta-se acerca desta situação, quantas vidas trans são necessárias para a elaboração de políticas públicas voltada para este segmento? Não nega-se que existem uma ou outra política a favor destes, mas o que se pede é uma defesa eficaz da vida humana, tendo o grito antirracista estadunidense de 2020 como base, ‘a vida dos transexuais e travestis importam’.

Atualmente essa coleta de dados é feita pelo terceiro setor, segmento organizado da sociedade civil que vem ganhando força nos últimos anos na defesa intransigente dos direitos humanos, de maneira voluntária, que visam denunciar, visibilizar, alertar e mostrar que há uma população que está sendo assassinada por uma violência específica e que é necessário ter políticas específicas para combater esta violência (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2018, p. 7). Lgbtfobia e transfobia são os termos utilizados hodiernamente para se referir as violências de cunho verbal, simbólico, psicológico e físico aos LGBTIA+ e ao segmento em questão no artigo, a população trans. Em corroboração a luta apresentada pelos ativistas e OSC, Chagas e Nascimento discutem acerca da invisibilidade social trans:

A luta é também para que as violências sofridas deixem de ser invisibilizadas pela sociedade, pela mídia e, acima de tudo, pelo poder público. A invisibilidade é tão grande que, no Brasil, existem poucas estatísticas oficiais de crimes motivados por transfobia e um número ainda menor de ações punitivas e preventivas a esse tipo de violência, o que acarreta uma série de graves violações dos direitos humanos e reforça um histórico de discriminação, marginalização e exclusão social. (CHAGAS, NASCIMENTO, 2017)

Fatores principalmente estruturais corroboram para esta invisibilidade Trans, o indigesto sabor do machismo, do patriarcado, da xenofobia regionalizada, do racismo, da corrupção, do liberalismo mascarado, da falsa adesão da democracia são os vetores propiciantes de uma população extremamente lesionado, cega e sem objetivos pessoais, profissionais, quiza ter uma família, sonho da maioria, a voga maior é a sobrevivência diária, não estando espaço para se ter uma educação, para se ir ao médico, da profissionalização, ainda que manipulada pelo mercado. Gilberto Freire(1983), educador nacional, de visão revolucionária e cunho emancipador, pretendia em suas obras teorizar uma metodologia socioeducativa da libertação do povo, das amarras do desconhecimento, entre grades mercantis e estatais, de visão neoliberal. Indivíduos invisíveis não tem seus direitos atendidos, não tem uma vida digna nem uma morte valorada, como cidadãos de bens.

Ainda sobre a construção da nação brasileira, outro fator preponderante para a invisibilidade dos marginalizados e massividade alienativa é o resgate da figura do cidadão de bem, mas expresso pelo homem de bem. Historicamente, esta figura tão digna e protegida pelo Estado, remonta o Brasil colonial, posteriormente o Regime ditatorial e mais atualmente no governo Bolsonaro. São figuras históricas detentoras de uma biologia anatômica masculina, de pele branca, socialmente constituído como alfabetizado, dono de propriedades, voltado ao interesse do bem comum, por ser associado ou a favor do regime a que se processa no dado período, e de intocada integridade, sendo essencialmente cristão, em sua maioria católicos.

Desta forma, este seria o cidadão de bem, que assim como em outrora não se privava de seus privilégios, assistia aos maus cidadãos ou mesmo, somente homens de cor, vagabundos, desordeiros, desviados e outros tantos adjetivos discriminatórios a que se destinavam a seres humanos desconsiderados cidadãos, sofrendo na mão dos então detentores do poder, hoje mais simbolizado pelos poderes executivos de direita e pelas grandes corporações. O racismo no período colonial não era tão bárbaro aos olhos dos homens de bem; os exílios, o morticínio e as agressões aos desordeiros do regime, a condição de miserabilidade das mulheres e indígenas, no período ditatorial brasileiro, também não; assim como em dias de pós-modernidade, onde os valores estão fluídos e a sensibilidade pelo outro superficial, encara a ascensão da visibilidade LGBTQIA+ como sendo apenas um bando de afortunados e vagabundos que querem ter privilégios frente aos cidadãos de bem, a quem estes sins pertence a honra de terem políticas públicas efetivas.

Mais adentro, as políticas públicas efetivas para os cidadãos de bem, é o nome dado na conjuntura atual para o obscuro status quo da parcela mínima da classe trabalhadora que não ver-se em precariedade contratual, mais representados pelo que chamam de classe média, pela estratificação social mais aceita e difundida no Brasil, criticada por Milton Santos(2012), geógrafo brasileiro, que caracteriza esta estratificação como sendo manipulatória. Os contemporâneos marxistas vão além a despeito desta estratificação, classificando toda a pirâmide social como uma só, tendo a riqueza mal distribuída e sobre estes o ponto mínimo da fração dominante, não relacionando-se com os seus dominados. Então, o que são de fato as políticas públicas?

Dentro da literatura do Serviço Social, as políticas públicas são formas alienativas de controle do proletariado sobre a triste imagem de segurança da família deste, contudo, não há de se desconsiderar o efeito transformador destes na vida da classe trabalhadora, o que se discute e o efeito alienador de manutenção do sistema atual. São políticas públicas seletivas, focais, de mínimos prestados e de qualidade questionável, destinados aqueles que não tem condições financeiras de estarem em postos privados de prestação dos mesmos serviços, mas de qualidade

excelentes e de custos de lucratividade capitalistas acima do que se recebe o pobre trabalhador brasileiro. E este sim, tem nome, endereço, cor de pele, status e índice de alfabetização.

São muitos os que morrem todos os dias, então qual o porquê desta nomeação? Será o desejo do LGBTQIA+ de ter privilégios? Diferente do que proliferou-se pela nação, a nomeação dos crimes, das sexualidades e gêneros se fazem necessários não para a segregação da classe, quiça por privilégios, é a luta diária pela denúncia das desigualdades e das diferenças sociais. Não somos um povo igual por sermos anatomicamente semelhantes, somos um povo igual por não haver ninguém igual a ninguém. Lacan(2010), Woodward(2015) e Guatarri(1992) nos trazem a apreensão de seres diferentes por subjetivação, Santos nos apreende sobre as camadas dentro da classe trabalhadora, o próprio Marx(2002) nos afirma sermos sociais, históricos, críticos e reflexivos, e todo esse compêndio de teorias e conhecimentos nos conduzem ao pensamento de que ninguém é igual, que cada ser humano tem suas especificidades e que portanto os agrupamentos de semelhantes se fazem necessários para que não haja a monopolização por daqueles que são maioria e naturalizados pelos aparelhos alienativos.

Adiante, os mesmos cidadãos de bens que são resgatados das ruínas de bárbaros períodos da história brasileira, funciona como um processo alienador sobre a massa dominada, a qual identifica-se com o perfil, mesmo não tendo condições biopsicossociais para estarem nestes postos. Contudo, o processo de alienação dar-se a medida que as *fake news*<sup>36</sup> alastram-se no território, interiorizando-se valores e objetivos de um governo contra a democracia, a favor de uma ditadura, aquém dos Direitos humanos e fortemente conservador. Desta forma, não suficiente o genocídio Trans e LGBTQIA+, tem-se uma luta contra os direitos e lutas destes, Benevides e Nogueira, ainda no Dossiê, denunciam esta formação criminosa, afirmando:

Percebe-se ainda uma equivalência do aumento dos casos de violência no mesmo momento em que inicia uma caça aos direitos e aos avanços em prol da população LGBTI orquestrada por políticos retrógrados e conservadores que coadunam com pensamento intolerante, de cunho religioso fundamentalista. Exemplo inquestionável da presença desta política anti-direitos explícita durante a campanha eleitoral, onde casos de violência contra a população LGBTI se intensificaram, havendo diversos casos de assassinatos onde claramente houveram motivações políticas por parte dos admiradores do fascismo que hoje está no poder. (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2018, p. 9)

Aquém das vítimas ou psicologizando as situações difíceis a que se encontram? O foco central do artigo gira em torno do lugar a que se loca os transexuais e como esta realidade pode ser mudada, mas para tal, fez-se necessário compreendê-lo em sua história, como sua formação estereotipada foi gestada e onde ele encontra-se hoje, desta forma, as possibilidades de translocação

---

<sup>36</sup> Notícias falsas.

na hodiernidade dão-se a medida do avanço da despatologização e ressignificação da categoria pecado, pelas religiões cristãs, de forte influência sobre a população, e em segundo lugar, do redimensionamento da categoria cidadania e efetividade do sistema democrático.

Outro fator a se levar em consideração está centrado no perfil das vítimas trans, sendo a sua maioria mulheres, prostitutas e de bairros marginalizados. Segundo dados do dossiê a concentração maior está nas jovens, as quais estão expostas a violência que se encontram no dia a dia, tendo-as **60,5% das vítimas tinham entre 17 e 29 anos**<sup>37</sup>, caindo para 29,1% aquelas entre 30 e 39 anos, 10,5% entre 40 e 49 anos (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2018, p.18), os dados causam mais medo e preocupação se considerado que a média de vida de uma pessoa trans não excede MUITO aos trinta anos de idade, considerada a faixa etária de maior produtividade humana, de acordo com o IBGE(2013):

As travestis e transexuais femininas constituem um grupo de alta vulnerabilidade à morte violenta e prematura no Brasil. Apesar de não haver estudos sistemáticos sobre a expectativa de vida das travestis e transexuais femininas, Antunes (2013) afirma que a expectativa de vida desta população seja de 35 anos de idade, enquanto a da população brasileira em geral, é de 74,9 anos (IBGE, 2013).

Não se traz luz a algo para a visão da população quando o erro não está sobre a luz que clarifica, mas sim quando o problema encontra-se nos olhos dos que veem. O mito da caverna, de Platão(2005), deixa claro esse processo. A muito deixou-se de tratar de quem são, a vertente mais rígida hoje é a despoluição do entendimento da sociedade civil, a qual está dispersa em seu empirismo e atravessada de uma série de informações que não julgam-se corretas. Hunty(2020) em sua apreensão acerca da clarificação da realidade por meio das teorias deixa claro o problema que pode acarretar a internalização de teorias errôneas. Para tal, os fatores de impedimento na hodiernidade estão centradas na visão atrofiada do teocentrismo religioso cristão, da estruturação neoliberal a qual se permitiu o Estado democrático, do próprio mercado em função da lucratividade e da invisibilidade de trabalhos de qualidade de conhecimentos ímpar perdendo-se devido à invisibilidade social da categoria.

Em suma, o teocentrismo é o responsável direto pelas ramificações cristãs crentes em Deus como o centro da vida humana, até aí tudo bem, desde que seja tratado o respeito as demais religiões e cultos, porém os fatos complicam-se a medida que princípios cristãos condenam indivíduos, por meio do conceito de pecado, e outras religiões, caracterizando-os como cultos pagãos e incredulidades demoníacas. Assim, desde sua expansão territorial e demográfica, vem representando um desafio a antropologia, corrente que vê o homem como o centro da própria vida em sociedade, trazendo em seu seio o respeito ao diferente, sobre a égide de não haver nada igual.

<sup>37</sup>Negrinho dos autores, Benevides e Nogueira, 2018.

Em terras de transexualidade, a religião cristã, bem como o islamismo e o judaísmo expressão repúdio a segmentos LGBTQIA+, moldando a subjetivação de cristãos, gerando esse mesmo repúdio como uma expressão social de alcance devastador na hodiernidade.

Adiante, o neoliberalismo, impregnado no mercado e no Estado atual brasileiro, é responsável pela disseminação do trabalho como único caminho para o bem-estar, uma vez dado o Estado mínimo, acirrando a competitividade e excluindo do meio aqueles desqualificados dos princípios desenhados pelo sistema. Antes de tudo, a marginalidade transexual se dá a medida das influências cristãs, a qual dá embasamento até mesmo no dado Estado laico, em metodologias de ensino e enrijecimento de políticas públicas ao não atendimento qualificado as minorias sexuais. Dentro deste contexto, de exclusão social, ainda dar-se seguimento no processo de desutilidade e desvalorização de produção de conhecimento pelas minorias, as quais têm ciência para falarem sobre os preconceitos que os aflige, tendo os seus lugares de fala cerceados pelos hétero-cis-normativos. Apesar desta modalidade, Benevides e Nogueira afirmam:

Seguem ainda a agenda de proibição das discussões sobre gênero e sexualidade nas escolas; o governo não faz campanhas de educação/prevenção contra a violência e suicídio da população travesti e transexual; quando sequer padroniza o atendimento de pessoas Trans nas Delegacias da mulher no país; na garantia da tipificação dessas mortes como Femicídio; e não garante de forma clara e simplificada, no registro das ocorrências, o respeito e uso do nome social, a marcação da identidade de gênero das vítimas, bem como a motivação para esses crimes. (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2018, p 10)

Tais denúncias deixam claro o despreparo do Estado frente a população trans e o endurecimento da marginalidade. Na ausência de educação, saúde, trabalho, segurança, qualificação, participação e autonomia e outras tantas necessidades humanas, de cunho democrático, evidencia-se uma população não detentora de direitos, apenas dos deveres, como em um estado de cidadania comunitária, na soberania dos deveres, obrigações civis, em detrimento do não acesso aos direitos, e quando tendo-os, aparecem como medidas remediativas e seletivas. Sobre argumentos de Benevides(2018), os casos apresentados de trans-homicídio são acrescidos de mais ou menos 30%, dos subnotificados pelas mídias, sendo os expostos fragmentos curtos de jornais sensacionalistas, como Martins(2017) discute, são fragmentos jornalísticos que possuem começo, meio e fim, rápidos, não tendo os nomes sociais respeitados nem mesmo o gênero, expondo as mulheres trans com seus nomes de cartório dado pelos progenitores. E mais, infelizmente, não são todos os órgãos de comunicação que publicam esse tipo de matéria, e quando publicam, fazem de forma transfóbica, coisificando, vulgarizando e marginalizando as pessoas travestis e transexuais (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2018, p.12).

A população Trans e seus agregados não são animais, ainda que fossem teriam direitos civis, políticos e sociais, tripé dos direitos democráticos, antes são seres humanos iguais e detentores de todo o respeito a vida e liberdade. Casos como o de Dandara não podem continuar a ser uma realidade no país, mortas por uma motivação e os homicidas presos por outros que não esclarecem e deixam limpos os reais vetores criminais<sup>38</sup>, o berço esplêndido já não é mais a moradia privada dos cidadãos de bens, tendo os demais como seus insubordinados, somos uma nação heterogênea, rica pela diversidade de etnias, saberes, cultura. A segregação social processada na África do sul ganha novas roupagens em lugares diversos, sobre a crença da seletividade branca, cisgênera, heteronormativa, não nova, mas de origens arcaicas. Bem como nos Estados Unidos, com o ex-segurança Jorge Floyd, a população precisa cair na real e perceber que as vidas negas importam, as vidas nordestinas, as vidas das mulheres, dos moradores de favelas, dos candomblezeiros, dos umbandistas, dos índios, das minorias sociais. A vida dos trans importam!

---

<sup>38</sup> Para a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS) do Ceará, entretanto, Dandara foi morta por motivos alheios à condição de travesti. Nos procedimentos formalizados nos inquéritos policiais da Capital e Região Metropolitana, no ano de 2017 não houve a identificação de nenhum crime ligado à homofobia. O 0% (ZERO PORCENTO) que aparece no relatório ao lado da motivação "homofobia" impressiona quem convive com a realidade de agressões e violações contra a população LGBT (Jáder Santana/Thiago Paiva - Jornal O POVO. 2018). Outros tantos casos são noticiados pelas redes sociais autônomas, como homicídios motivados pro transfobia, porém, governos estaduais e municipais não os apresentam como tal, demonstrando o qual sério encontra-se as defesas legítimas do povo, patologizando os indivíduos e psicologizando as situações.

## CONCLUSÃO

O deslocamento da transexualidade, encarada inicialmente como homo-transexualidade, a fim de abarcar o desconhecimento humano inicial da transexualidade em épocas remotas, dar-se de forma lenta e gradualmente vai colocando-o de uma esfera socialmente legalizada e aceita para patamares de sub-humanização. A priori, pelos valores e organização estabelecidos socialmente, os adolescentes e crianças, os *Eromenos*, compreendidos como em formação sociopolítica eram conduzidos às casas de homens adultos, nominado de *Erastes*, sendo estes mestres, filósofos, políticos ou pensadores, onde estes passariam aos seus cuidados. Pelo processo educacional da paiderastia, o mestre poderia assumir papel de ativo em relações sexuais, enquanto o pupilo deveria sempre estar às suas disposições, compreendido por meio de rituais que esta troca de fluídos representava uma troca de conhecimentos, conduzindo desta forma o jovem ao sucesso vindouro. Com suas limitações e impedimentos, bem como o debate de hierarquia social e relação de poder do adulto sobre o pupilo, em outrora e na hodiernidade sobre a discussão incessante da exploração sexual infantil e pedofilia, este representa um dos mais antigos ritos de tratamento aos homo-transexuais, colocando-o como um processo para o aperfeiçoamento. Simultaneamente, não deixando de observar o trato no cuidado com as divindades, muitas das quais apresentavam traços homossexuais, bissexuais e transgêneros, como as imagens de Zeus com Ganimedes foram analisadas como representação do relacionamento homoerótico entre os deuses (CORINO, 2006, p. 23)

Adiante, a transexualidade passa por um processo de marginalização, quando compreendido pela igreja cristã como abominação, tendo esta grande influência, como a sua legalização no império Romano de Constantino. A exemplo nas passagens bíblicas que condenam o relacionamento homossexual, colocando-os a um patamar de criminalidade, segundo a Bíblia de Estudos, da Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, no livro de Levíticos, capítulo 20 e versículo 13, ‘quando também um homem se deita com outro homem, como com mulher, ambos fazem abominação’, sendo posto sobre estes criminosos a pena do derramamento de sangue, o que era uma prática comum na aplicação das leis hebraicas, no tempo que Jeová chama Abraão há discutir as metodologias de se lidar com o povo de Israel., Adiante, este segmento marginalizado começara a sofrer perseguição, ainda sendo a homo-transexualidade ou somente homossexualidade, coadunando com o século XVII, onde passam a ser alvo de estudos das ciências biológicas, elevando o grau de marginalidade posto sobre os mesmos, da figura caricata de apedrejado social da igreja a cobaia de estudos endocrinológicos e bizarro aos olhos do senso comum. A espacialidade e temporalidade deve ser levado em consideração, remontando um período de grande monopólio

religioso e de senso comum alastrante, tendo inclusive a ciência à necessidade de ganhar sua legitimidade frente aos dominantes.

Consequente, fora do alcance das ideologias religiosas, porém, moralmente construídos, os cientistas debruçam sobre o transexual a fim de dar uma resposta mais clara a sociedade. Como base inicial, pelos sexólogos, endocrinologistas, psiquiatras e mesmo sociólogos, foram sendo compreendidos como hermafroditismo psíquico, transtorno de identidade de gênero a atual disforia de gênero, alicerçando o pensamento psiquiátrico, o qual não mudara muito seu pensar modernista desde os séculos em questão, XVIII/XIX, tecendo a análise de serem os transexuais portadores de um sofrimento mental e a medicalidade terapêutica mais viável encontra-se na transgenitalização. Na contemporaneidade, mais recentemente, presente no CID-Z, dos cuidados e atenção a saúde do manual de doenças internacional, ainda provocam constantes discussões no meio lgbtqia+ e no segmento T, de transexuais, travestis, não-binários, intersexuais e outros adeptos da partícula T. Gesta-se neste ínterim o atual quadro de sub-humanização que vive hoje os transexuais.

Admite-se, portanto, que o transexual ocupara os lugares sociais, desde a acensão da Igreja Cristã no Império Romano aos escritos médicos do século XIX e afins, patamares de criminalidade e pena de morte, de descrentes das leis de um deus mono-centralmente aceito, de escritos de centenas de anos atrás, para uma civilidade completamente diferente da que se vive no período supradescrito; a de doentes mentais e portadores de desequilíbrios hormonais, por cientistas que procuram descrever aspectos de uma expressão social transcendental ao próprio capitalismo, por vetores biológicos e medicamentais.

Acometidos simultaneamente pelo Estado, pela Família e pela Comunidade, frente ao processo que se inscreve na psicopatologia, criminoso e contraventor religioso — não desconsiderando alguns muitos que respeitam e os próprios lgbtqia+, que auxiliam aos seus, dentro dos parâmetros das partículas —, o transexual sofre uma sequência atormentadora de fatos que condicionam ao isolamento social; desistência das redes de ensino e redes sociais; ficando a margem da segurança pública não igualitária e discriminante; veem na prostituição e no tráfico uma saída para não qualificação profissional e quando presos ou mesmo em suposta liberdade, correndo eminentes riscos de morte e não respeito ao nome social.

O/a transexual desde muito cedo lida de fato com o sofrimento mental, mas é aquele gerido pela não aceitação de sua condição física e social, o que não caracteriza uma patologia ou psicopatologia, sobre argumentos bio-superficiais, ‘todos os seres humanos buscam aperfeiçoamentos para sentirem-se bem com seus próprios corpos’, comenta uma travesti sobre diálogo livre no município de Assaré-CE.

A cidadania cerceada dos/das transexuais é uma expressão da questão social, quando por meio da ideologia neoliberal capitalista o sistema conduz o trabalho ao patamar de organizador da vida em sociedade, articulando a partir deste as classes, relações sociais e a reorganização estatal. Impossibilitado de políticas públicas, conforme reza a Constituição Federal de 1988, enquanto caminhos viáveis para a emancipação e liberdade humana, como mantenedores dos que não conseguem manter-se pelas ações individuais ou familiares, os seres humanos são conduzidos unilateralmente ao trabalho como fonte primária de melhoria na condição de vida.

Neste ponto, é legítimo assinalar que são muitos os trabalhadores brasileiros que encontram-se em situação de desemprego permanente, temporário ou estrutural, pelo sistema capitalista, nominando de exército de reserva. Dentro desta esfera gigantesca de indivíduos excluídos, existem uma massa que ao não venderem sua mão de obra de forma ilícita e não-ética, pelos portões do mundo do trabalho informal ou aos tidos marginais, prostituição, escravista, comércio e tráfico de drogas, acabam por não terem como sobreviver numa sociedade que até mesmo o ar de qualidade se é comprado, onde a água potável é luxo e uma moradia digna uma utopia.

Assinala neste viés um mecanismo de manipulação e monopolização social, a medida que quanto mais o trabalhador se profissionaliza mais se é exigido dele, sendo os não oportunizados menos favorecidos, uma cadeia antagônica, sendo o qualificado explorado mais rigidamente e o menos capaz, quando não submetido a trabalhos forçosos e escravagistas são largados na margem, sobre os cuidados da filantropia — filantropia esta que cerceia a liberdade dos próprios transexuais, travestis e lgbtqia+ na missão catequizadora de espalhar o cristianismo sobre os desviados.

Não obstante, encarcerados num mesmo ambiente, trabalhadores, o capitalismo segrega-os, fazendo de uns maiorais frente a outros, cegando-os para sua classe. Ademais, segregado a nação, subdividida as categorias profissionais, dividida as minorias sociais, o trabalhador perde força e é locado a servência do sistema. Neste sentido, onde encontram-se os transexuais brasileiros hoje? E quais são as visões atuais da população acerca destes? Não diferente do proliferado pela indústria cultural, pela não informação legítima por meio do lugar de fala, pelo senso comum leigo e alienado, os transexuais encontram-se subalternizados em uma classe de marginalizados, nos pontos de prostituição, homens e mulheres, jovens e adultos, nas bocas-de-fumo, nos cárceres masculinos, sendo elas mulheres ou vice-versa, tachadas de violentas(os), mal-educadas(os), portadoras de doenças diversas, sendo nominadas pelos nomes de nascimento ou confundidas como travestis, o que não é uma humilhação, por serem duas categorias semelhantes e legítimas, mas por serem diferentes entre si, descaracterizando o gênero e o grito revolucionário de Beauvoir(1967), *ninguém nasce mulher; torna-se mulher*. Quando se é pobre, preta, gordo, candonblecista ou umbandista,

nordestino, analfabeto, lgbtqia+, favelado no Brasil, todas as portas se veem menos largas, estreitas, menos acessíveis, mais distantes do alcance.

É pela massa excluída que o Serviço Social estuda, luta, trabalha e forma resistência frente ao sistema opressor, na busca incessante de consolidação de uma democracia onde o poder seja de fato do povo, por uma cidadania verdadeira, por indivíduos detentores de direitos e deveres. Por uma nação onde a ordem seja a manutenção da vida e o progresso seja a unificação das forças, lutando afincado pela materialização do projeto societário do trabalhador, aniquilando, de forma revolucionária o projeto antagônico. Marx(2002) traz em sua vertente de pensamento a necessidade da união pela força, gerando a liberdade, igualdade, solidariedade, participação e diversidade, seja ela qual for, assim pejeja o assistente social todos os dias, visando essa utópica, porém, legítima, mas não assumindo postura fatalista ou messiânica.

## REFERÊNCIA

- ALVARES**, Jurenice Picado. A garota dinamarquesa: Lili Elbe. *Ide*, v. 40, n. 64, p. 185-197, 2017.
- AMARAL**, Daniela Murta. A psiquiatrização da transexualidade: análise dos efeitos do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero nas práticas de saúde / Daniela Murta Amaral. – 2007.
- \_\_\_\_\_. Os Desafios da despatologização da Transexualidade: reflexões sobre a assistência a transexuais no Brasil. Tese (DOUTORADO) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, 2011, 107f.
- \_\_\_\_\_. **ARÁN, M.; LIONÇO, T.** Transexualidade e Saúde Pública no Brasil. *Cienc. Saude Colet.*, v.14, n.4, p.1141-9, 2009.
- \_\_\_\_\_. **ALMEIDA**, Guilherme. Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 14, p. 380-407, 2013.
- BAPTISTA**, Mirian Veras. Planejamento instrumentalidade, intencionalidade e instrumentação. Editora Veras, São Paulo, 2000.
- BEAUVOIR**, Simone. O segundo sexo, 2ª experiência vivida. Difusão europeia do livro. 2ª edição, São Paulo, 1967.
- BENEVIDES**, Bruna G; **NOGUEIRA**, Sayonara Naider Bofim. Dossiê: assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018. ANTRA e IBTE. 2018.
- BENJAMIN**, H. The transsexual phenomenon. New York: Julian Press, 1966. Disponível em: < [http:// www.symposion.com/ijt/benjamin/index.htm](http://www.symposion.com/ijt/benjamin/index.htm) >. Acesso em 20 ago. 2006.
- BENTO**, B. Luta globalizada pelo fim do diagnóstico de gênero? In: *Corpo, gênero e sexualidade: instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida* / Luís Henrique Sacchi dos Santos, Paula Regina Costa Ribeiro (orgs.). Rio Grande: FURG, 2011.
- \_\_\_\_\_. **PELÚCIO**, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 20, n. 02, ago. 2012.
- \_\_\_\_\_. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense. P.181, 2008.
- BERBARA**, Maria & **FONSECA**, Raphael. “Androginia sob o olhar da história da arte”. In: **SILVA**, E.A. (org.). *Transexualidade: princípios de atenção integral à saúde*. São Paulo: Santos. 260 p, 2012.
- BÍBLIA SAGRADA**. Bíblia de estudo explicada. Almeida revista e corrigida. Ed 1, 1995.
- BOURDIEU**, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minituit, 1979.
- BRASIL**. Constituição Federal de 1988. Brasília: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Direitos Humanos. Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012.

**BUTLER**, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

\_\_\_\_\_. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icária editorial, 2002.

**CARVALHO**.. O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPED (1999-2009). *Revista Brasileira de Educação* 16:99-117, 2011.

**CORINO**, Luiz Carlos Pinto. Homoerotismo na Grécia antiga – homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. *Biblos*, Rio Grande, 19: 19-24, 2006.

**FOUCAULT**, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. 14ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

\_\_\_\_\_. Microfísica do Poder. 11ª reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.

**FREIRE**, Paulo. Educação como prática da liberdade. 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 14.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

**GIL**, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 6ª edição, 2008.

**GRANT**, carolina. Bioética e transexualidade: o “fenômeno transexual” e a construção do dispositivo da transexualidade (transexualismo) – o paradigma do “transexual verdadeiro” vigente no direito brasileiro. 2012.

\_\_\_\_\_. Bioética e Transexualidade: para além da patologização, uma questão de identidade de gênero. In: XIX Encontro Nacional do CONPEDI, 2010, Fortaleza. Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2010, pp. 842-858.

**HOBBS**, Thomas. *Leviatã: matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. LeBooks Editora, 2019.

\_\_\_\_\_. *Leviatã ou Matéria forma e poder de um Estado Eclesiástico e Civil (1651)*, Trad. João Paulo Monteiro e Maria Nizza da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

**IRWIN**, William et al. *Matrix: bem-vindo ao deserto do real*. São Paulo: Madras, 2003.

**LANTERI-LAURA**, G. *Leitura das Perversões*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

**MAGALHÃES**, Belmira; **MARIANI**, Bethania. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 10, n. 2, p. 391-408, 2010.

**MAIA**, Lucas. O conceito de Meio Técnico-Científico-Informacional em Milton Santos e a não-visão da luta de classes. *Ateliê Geográfico*, v. 6, n. 4, p. 175-196, 2012.

**MARX**, Karl; **ENGELS**, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Martin Claret, 2002.

\_\_\_\_\_. A mercadoria: o capital. Livro I, volume 1. Rio de Janeiro: Civilização, Brasileira, 2005.

**MONEY**, J. Sex reassignment as related to hermaphroditism and transsexualism. In: **GREEN**, R. & **MONEY**, J. Transsexualism and Sex reassignment. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1969. p. 91 – 114.

**MOURA**, Renan Gomes de. Políticas públicas como ferramenta de euidade entre (Trans) gêneros no mundo do trabalho. Cadernos Unifoa, 29 edição, 2015.

**ORWELL**, George. A revolução dos bichos. Editora Companhia das Letras, 2007.

**PLATÃO**. *Apologia de Sócrates – Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

**PLUTARCO**. Diálogos sobre o amor, relatos de amor. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. 1º edição, São Paulo, 2009.

**RENAULT**, L. O. L.; **RIOS**, M. I. F. Discriminação: desdém da pessoa humana em branco e preto. São Paulo: LTr, 2010.

**SANTOS**, D. B. C. Cartografias da transexualidade: a experiência escolar e outras tramas. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

**Secularism**, necessity of; brazil, its disrespect in. a contribuição do filme: a garota dinamarquesa sobre a discussão em relação a questão do transexual na sociedade. 2017.

**SENKEVICS**, Adriano Souza; **POLIDORO**, Juliano Zequini. Corpo, gênero e ciência: uma interface entre biologia e sociedade. Revista de biologia, 2012.

**SOUZA**, Herbert de. Democracia e cidadania. In: **RODRIGUES**, Carla (Org.). Democracia: cinco princípios e um fim. São Paulo: Moderna, 1996.

**STOLLER**, R. J. The male transsexual as “experiment”. International Journal of Psychoanalysis, Los Angeles, v.54, p. 215 – 225, 1973.

\_\_\_\_\_. A experiência transexual. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

**TEIXEIRA**, F.B. Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2009.

**TGEU**. Projeto de investigação TvT (2016). Observatório de Pessoas Trans Assassinadas (TMM). Transrespect versus Transphobia Worldwide (TvT) project.

**VIEIRA**, T.R. Adequação de nome e sexo e a vulnerabilidade do transexual. In: Minorias Sexuais: direitos e preconceitos. Brasília – DF: Consulex, 2012. p. 375-396.

**VON KRAFT-EBING**, R. Psychopathia Sexualis: as histórias de caso. São Paulo: 2000.

**VRISSIMTZIS**, Nikos. *Amor, sexo e casamento na Grécia Antiga*. São Paulo: Odysseus, São Paulo, 2002.

**WOODWARD**, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, p. 7-72, 2000.

## ANEXOS

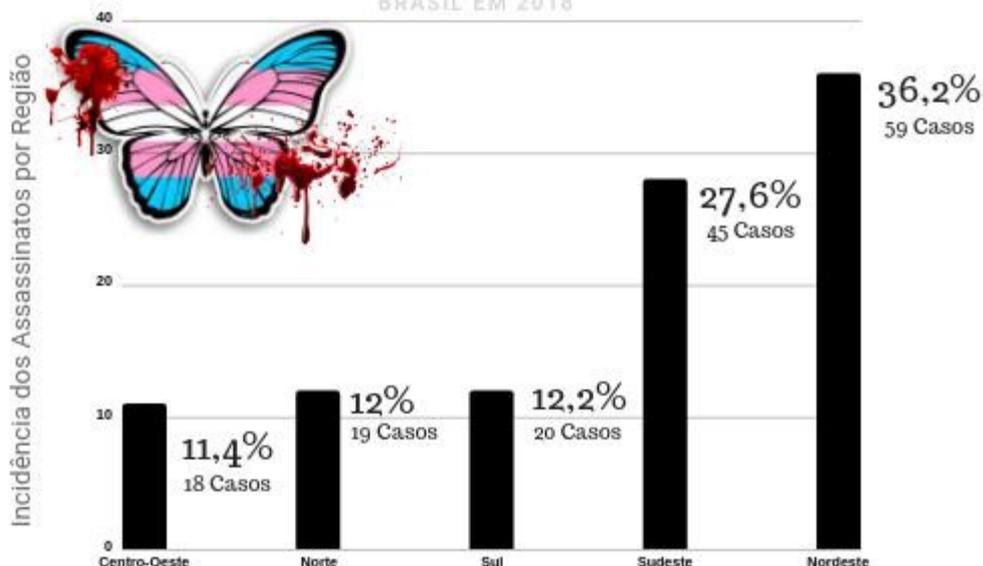


**Anexo 1:** Imagem de Aquiles cuidando dos ferimentos de Pátroclo, século V a C., visualizada como uma das imagens de contexto homérico da mitologia grega, pelos estudos de Luis Carlos Pinto Corino(2006) e Vrissimtrzis(2002).

**Anexo 2:** A face alongada, o busto quase feminino, a amplidão das cadeiras, a saliência do abdômen, são elementos que levaram alguns pesquisadores a supor que Akenaton sofresse de alguma enfermidade que lhe causasse deformações físicas ; investigações mais recentes, contudo, vem demonstrando que a representação de Akhenaton se conforma a novos padrões estilísticos firmemente determinados pela ideologia do período Amarna e pela imagem que o faraó pretendia fabricar de si mesmo (BERBARA; FONSECA. 2012 p. 4)

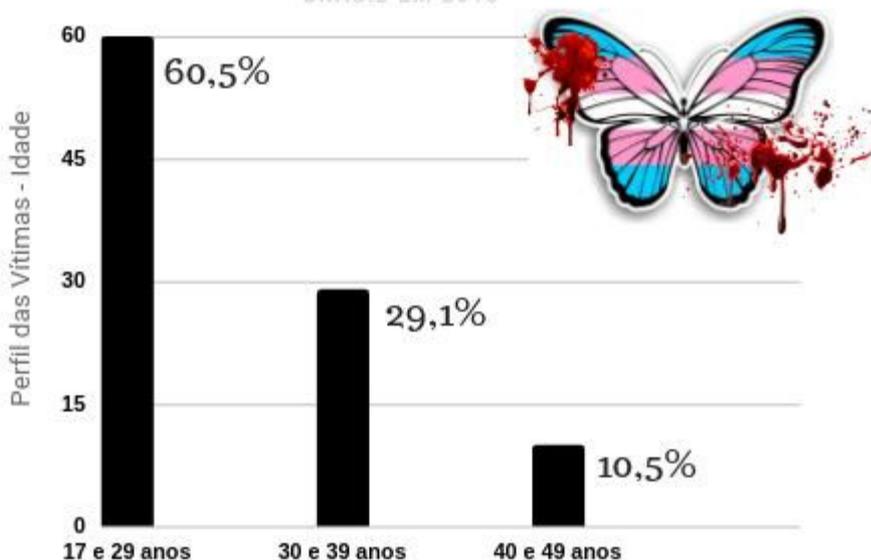


DOSSIÊ DOS ASSASSINATOS E DA VIOLÊNCIA CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO BRASIL EM 2018



**Anexo 3:** Novamente a maior concentração dos Assassínatos foram contabilizados na região nordeste, com 59 assassinatos (36,2% dos casos), seguido da Região Sudeste com 45, Sul com 20, Norte com 19 casos e Centro-Oeste com 18 assassinatos. **As regiões Sul e Centro Oeste, apresentaram aumento em relação a 2017. (BENEVIDES; NOGUEIRA. 2019)**

DOSSIÊ DOS ASSASSINATOS E DA VIOLÊNCIA CONTRA TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NO BRASIL EM 2018



**Anexo 4:** A vítima mais jovem noticiada em 2018 tinha 17 anos e a mais velha 49 anos. O Mapa dos assassinatos aponta que **60,5% das vítimas tinham entre 17 e 29 anos**, caindo para 29,1% aquelas entre 30 e 39 anos, 10,5% entre 40 e 49 anos. **(BENEVIDES; NOGUEIRA. 2019)**



**Anexo 5: Lili Elber, personagem do filme a Garota Dinamarquesa, de 2015, personagem transgênero do século XIX, eternizado pelo cinema. Desta forma, a personagem Lili Elbe, então mulher trans, que abandona o característico Einar, representa de forma corroborativa, na história da evolução humana, e não somente na evolução sócio-histórica dos transexuais, a erroneidade do dismorfismo sexual calcado pelo binarismo e a visão naturalizada de gênero fincada indissociavelmente do sexo anatômico, definindo padrões de comportamento e identidades sexuais. Ademais, Einar passa a ser Lili, em 1930, e esta morre logo após a cirurgia de redesignação sexual – transgenitalização – mas deixa ao espectador o sentimento de completude, que enfim, sentia-se ela mesma, logo, adequado seu corpo a sua psique, ou seja, o sentimento de pertença ao sexo oposto(SILVA, 2020).**